UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGUÍSTICA GERAL

JOAO VINCIUS DE ALMEIDA BRAGA

Tipos de tópico em Português Brasileiro: um olhar prosódico-sintático

São Paulo

2015

JOAO VINCIUS DE ALMEIDA BRAGA

Tipos de tópico em Português Brasileiro: um olhar prosódico-sintático

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Linguística.

Área de concentração: Semiótica e Linguística Geral.

Orientador: Prof. Dr. Marcello Modesto

São Paulo

2015

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Nome: BRAGA, J.V. de A.

Título: Tipos de tópico em Português Brasileiro: um olhar prosódico-sintático

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Linguística.

Área de concentração: Semiótica e Linguística Geral.

Orientador: Prof. Dr. Marcello Modesto

Aprovado em: 16/06/2015

Banca examinadora:

Prof. Dr. Marcello Modesto (FFLCH/USP)

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Profa. Dra. Esmeralda Negrão (FFLCH/USP)

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Profa. Dra. Raquel Santana Santos (FFLCH/USP)

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Profa. Dra. Maria Cristina Figueiredo Silva (UFPR)

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. Maximiliano Guimarães

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Em memória de
Eliete Aparecida Xavier Dietrich.
Avó amada e eterna.
1961 – 2015

AGRADECIMENTOS

À Deus sobretudo!

Ao meu orientador, Prof. Dr. Marcello Modesto, por todas as conversas que tivemos, por todas as oportunidades que me deu, pela porta sempre aberta, mas acima de tudo pela paciência com a minha ignorância, obrigado. À Profa. Dra. Ana Müller, que sabiamente me colocou nas mãos do Prof. Marcello e por me iluminar sempre com o sorriso aberto e uma boa conversa, obrigado.

À banca que participa desta defesa, Profa. Dra. Raquel Santana Santos, por me ajudar com a Fonologia Prosódica, pelo incentivo nas aulas e na qualificação, por me estender a mão sempre que foi possível, sou muito grato. Profa. Dra. Esmeralda Negrão que sempre me tratou com muita delicadeza e paciência, me fez várias indagações em todas as edições do ENAPOL de que participei, obrigado por estar aqui hoje de novo. Minha eterna orientadora, Profa. Dra. Maria Cristina Figueiredo Silva, pra quem no primeiro semestre de graduação eu já fui pedir bolsa, não tenho palavras pra dimensionar o tamanho do carinho, respeito, admiração, gratidão e exemplo de vida que sinto por ti e de tudo que você já me passou. Muito Obrigado. Por último mas não menos importante, Prof. Dr. Maximiliano Guimarães, por participar da defesa desta tese, ainda que não tenhamos nos conhecido melhor durante a vida acadêmica até agora tenho um profundo respeito pelo profissional, escritor, pesquisador, autor de uma das mais brilhantes dissertações que já vi, sou agradecido e honrado.

Um super obrigado a Prof. Dra. Izabel Christine Seara por me auxiliar no PRAAT no começo da graduação, por seu ensinamento e por sua imensa bondade!

À todos os professores, que no início da minha caminhada ainda na UFSC, tiveram a paciência de me aguentar, em especial: o Prof. Dr. Carlos Miotto; Prof. Dr. Emilio Pagotto; a Profa. Dra. Ruth Lopes; Profa. Dra. Roberta Pires de Oliveira, minha orientadora no mestrado, eu sou eternamente grato.

Aos docentes e funcionários da USP, em especial: nossa Super Secretária Érica Flávia, pelo auxílio, pela paciência, pela presteza com que sempre me recebeu no DL; ao Robson, pela paciência de me aturar enquanto a Érica não chegava (valeu corinthiano!); ao Prof. Dr. Marcos Lopes pelas aulas de boxe e pelos conselhos sempre tão certos; ao Prof. Dr. Marcelo Ferreira, por fazer uma piada na minha entrevista de entrada e me deixar mais tranquilo; à Prof. Dra. Elaine Grolla por me despertar o interesse na aquisição de modo muito gentil; à Prof. Dra. Evani Viotti, por sempre me receber de braços abertos e passar algum tempo conversando comigo; ao Prof. Dr. Ronald Beline, meu agradecimento pelo coleguismo, pela tratativa sempre amistosa e pelas aulas sempre interessantes; Profa. Dra. Ana Paula Scher, sempre carinhosa comigo. Eu sou muito grato à todos por tudo!

À Profa. Dra. Flaviani Romani Fernandes-Svartmann, por todas as horas gastas ao meu lado, por me aceitar como aluno PAE, por me direcionar na qualificação, pela amizade, eu não tenho medida de *F0* pra agradecer.

À Wallace Vinicius, ainda que distante, eu reconheço sua participação nesse caminho, obrigado.

À você, Graziela Bohn, um “it’s us Gus!” mais que enorme, minha mana de USP por quem eu tenho muito carinho e admiração!

Aos amigos e colegas de USP que são inúmeros: Júlio Barbosa, Andressa Toni, João Paulo Cyrino, Francisco João Lopes, Vinicius, Lorrant Tavares, Tatiana Ferreira, Aline Rodero-Takahira, Rerisson Cavalcante, Renato Lacerda, Paula Armelin, Paula Buab, Fernanda Canever, Janaína Carvalho, Vitor, Thaís Bolgueroni, Luciana Sanchez, Mariana Rezenes, Marcos Lunguinho, Rafael Minussi, Melanie Agnelo, Vanessa Frederico, Suzana Fong, Livia

Oushiro, Lara Frutos, Caio Travaglio, Indaiá Bassani, Carolina Achutti, Karin Vivanco, Daniel, obrigado, pessoal e se eu esqueci de alguém, sintam-se agradecidos também! ☺

Um agradecimento especial à Lorena, à Carolina Alves e à Fah, minha segunda mana, meninas vocês são demais!

Aos meus amigos da UFSC, em especial à Gilmarina Signorini e família, obrigado!

Aos meus amigos de Joinville, todos, sem exceção, OBRIGADO!

Aos meus amigos de Jaraguá, obrigado, mas em especial à Monique Ortiz pelas conversas, pela parceria e pela amizade!

Aos meus colegas de trabalho atual, turma do PA Leste: Enfermeiros: Ivo, Dra. Carmen, Giovana, Luciana, Andressa, Cristina, Jefferson, Fabio, Suellen, Evelyn, Jéssica, Rafaela, Álvaro, obrigado por tudo! Aos colegas técnicos: todos vocês, obrigado! Aos meus colegas adms: em especial Vera e Regina meu muito obrigado! Ao corpo médico, agradeço! Às meninas da Orbenk, obrigado! À todos sem exceção, obrigado por me receberem tão bem!

À todos que participaram da minha jornada até aqui, obrigado!

À todos os meus familiares, especialmente: Raquel, Tiago, Giovana e Kauana, nada disso teria peso fonológico, papel temático, nem hierarquia prosódica, nem teria qualquer derivação possível, nem numeração, nem concordância, nem ordem linear, tudo seriam categorias vazias na minha vida, obrigado por respeitar meu tempo, aceitar minhas escolhas, dividir minhas angústias, acompanhar de longe essa caminhada, serem meu alicerce e meu coração, minha justificativa e meu objetivo, obrigado.

À CAPES, à FAPESP sou imensamente agradecido pelo apoio financeiro;

E obrigado a todos os participantes voluntários dos inúmeros experimentos realizados até aqui! Até a próxima!

Não posso deixar de dizer que, minha passagem pelo mundo acadêmico só me deu alegrias, mesmo nos momentos difíceis. Sou eternamente grato à todos que dividiram comigo seu tempo, seu conhecimento, suas conquistas, não existe ninguém nesse tempo que não tenha me feito ser um pouco melhor, ser mais humano e um pouco mais sábio. Um pouco mais dedicado e um pouco mais persistente. Um pouco mais corajoso e um pouco mais alegre. OBRIGADO.

*SATOR
AREPO
TENET
OPERA
ROTAS*

(Ditado Latino)

RESUMO

O presente trabalho levanta a questão da derivação sintática em diferentes construções de tópico. Essa diferenciação foi estabelecida por Frascarelli & Hinterhölzl (2007) com base na abordagem de Rizzi (1997) que propõe uma estrutura mais articulada para o complexo CP. Assim Frascarelli & Hinterhölzl (2007) realizam um levantamento de *corpora* determinando três tipos de tópico em sentenças do italiano e do alemão, a saber:

- a) Tópico conversacional (aboutness topic): informação que é o tema da sentença (REINHART, 1981); □
- b) Tópico contrastivo: constituinte que cria um par opositivo a outro tópico (CHAFE, 1987)
- c) Tópico familiar: constituinte acessível, geralmente realizado em uma forma pronominal (PESETSKY, 1987).

Para dar uma ideia do problema considere os exemplos, abaixo:

1)	O JOÃO (*ele) leu o livro de sintaxe (não o Pedro).	Foco contrastivo
2)	O livro de sintaxe, o João leu ø/ele ontem.	Tópico
3)	O João, ele leu o livro de sintaxe.	Tópico
4)	O João, ø leu o livro de sintaxe ontem.	Tópico

Os autores avaliam o contorno entoacional de cada uma das construções (2 e 3) e a sentença (4) que coloca uma ambiguidade estrutural entre movimento e geração na base. Os autores, então, propõem que todas sejam geradas na base deixando a estrutura de cujo sintagma é inequivocamente movido para a expressão de foco, sentença (1). Com base nesse trabalho realizamos um estudo comparativo entre as estruturas de tópico em PB. Contrapomos a entoação de sentenças como as descritas acima e avaliamos se existe um melhor tratamento sintático para tais estruturas, seja derivação *via* movimento, ou geração na base. No primeiro capítulo apresentamos o problema e a arquitetura da fonética articulatória, autosegmental e métrica e prosódica que embasam o estudo. Em seguida apresentamos alguns estudos já realizados nessa matéria que contam com a descrição prosódica de sentenças neutras do PB e sentenças com foco prosódico sobre o sujeito, além de sentenças com tópicos já levantadas em pesquisas anteriores. No segundo capítulo apresentaremos a teoria sintática que ampara nosso entendimento das estruturas envolvidas e o tipo de derivação em jogo. A teoria gerativa formulada por Chomsky servirá como guia balizador da derivação, especialmente a partir do programa minimalista (CHOMSKY 1995 e posteriores) Após essa introdução apresentaremos alguns estudos sobre esse conjunto de sentenças os possíveis caminhos a serem seguidos. No terceiro capítulo descrevemos o experimento, no quarto apresentamos e discutimos os resultados. Por fim, o quinto e último capítulo oferece um panorama geral do que foi exposto e as conclusões.

ABSTRACT

This study is about different topic constructions and their derivations. This differentiation was established by Frascarelli & Hinterhölzl (2007) based on the approach developed by Rizzi (1997), which proposes a more articulated CP structure. So Frascarelli & Hinterhölzl (2007) conducted *corpora* survey and unveil three types of topics in the Italian and German:

- a) shifting topic (aboutness topic): information that is the subject of the sentence, relatively (Reinhart, 1981);
- b) contrastive topic: a phrase that creates a opposition to another phrase (Chafe, 1987)
- c) familiar topic: a given or accessible constituent (PESETSKY, 1987).

To give an idea to this problem, please, consider the examples, below:

- 1) JOHN (* he) reads the syntax book (not Peter). Contrastive focus
- 2) The syntax book, John read $\emptyset$ / it yesterday. Topic
- 3) John, he read the syntax book. Topic
- 4) John $\emptyset$ syntax read the book yesterday. Topic

These sentences are all fine in BP. Sentence (1) can not have the strong pronoun. Sentence (2) is acceptable in both forms either with a strong pronoun or with the empty category. Sentence (3) is acceptable because “John” is base-generated at *spell out*. Sentence (4) is ambiguous between movement or base generation. The authors evaluate the intonation of each one of the structures like (2, 3 and 4) and propose that: they are all base-generated leaving the derivation *via* movement to express focus, sentence (1). Based on this work, we carried out a comparative study of the topic structures in BP. Analyzing sentences like (2-4) we establish the intonational contour of them and look for a better treatment for such syntactic structures: derivation *via* movement, or base generation. In the very first chapter we present the problem and the architecture of the phonetic articulation, the autosegmental and metric phonology and prosodic structure that will guide this study. Then, some previous studies in this area are shown with the descriptions of the PB neutral sentences and sentences with prosodic focus on the subject, and, also, sentences with already raised topics in the recent past. In the second chapter, we will present the syntactic theory that supports our understanding of the structures involved here and the type of analysis involved. The generative theory formulated by Chomsky will serve as base line, especially from the Minimalist Program (CHOMSKY 1995 and later). After this introduction, we will present some findings on this set of sentences and two possible paths to follow. In the third chapter we describe the experiment, in the fourth we present and discuss the results. Finally, the fifth and final chapter offers an overview of the foregoing and the conclusions.

SUMÁRIO

Table of Contents

0 INTRODUÇÃO.....	14
1 Quadro teórico da fonologia	19
1.1 Quadro teórico da Fonologia Prosódica (NESPOR & VOGEL, 1986)	19
1.2 Quadro teórico autosegmental e métrico entoacional (LADD 2008)	26
1.3 Análises entoacionais.....	32
1.3.1 O padrão neutro do PB	32
1.3.2 O padrão de foco em PB	34
1.3.3 O padrão de tópico em italiano e alemão	35
1.3.4 O padrão de tópico em PB.....	44
Resumo	47
2. Introdução ao quadro teórico sintático e análises sintáticas	50
2.1 O quadro minimalista	50
2.2 A periferia esquerda	53
2.3 Análises sintáticas	55
2.3.1 Bonorino (2005).....	56
2.3.2 Modesto (1997)	59
2.3.3 Modesto (2008)	61
2.3.4 Frascarelli & Hinterhölzl (2007) e Frascarelli (2000).....	64
2.3.5 Holmberg (2010)	65
2.3.6 Avelar & Galves (2011).....	66
Resumo	68
3. Aspectos técnicos dos dados e metodologia	70
3.1 Objetivos e hipóteses	70
4: Resultados e discussão dos dados.....	72
4. Resultados Gerais	72
4.1 Tópico conversacional.....	76
4.2 Tópicos contrastivos	82
4.3 Tópico familiar à esquerda	87
4.4 Tópico familiar à direita.....	90
Sumarizando e discutindo os resultados:	96
5. Retomando e encerrando	99
5. Aspectos sintáticos	99
5.1 Aspectos prosódicos	100
Conclusões	103
Bibliografia	106
Anexo 1.....	110

0 INTRODUÇÃO

A gramática gerativa (cf. Chomsky 1997, entre outros) já discutiu bastante sobre as propriedades de duas construções do inglês que são denominadas *Topicalization* e *Left-Dislocation* (LD), exemplificadas em (1) abaixo.

1)	a.	Beans, I like (not rice).	Topicalization
	b.	Chocolates, I can eat them all day.	Left-Dislocation

Os nomes utilizados na descrição do inglês causaram certos problemas para análises posteriores, porque as noções de tópico e foco parecem se confundir. Entretanto, a distinção que se mostrou importante na descrição da Faculdade da Linguagem (FL, como definida em Chomsky 1986, 1995, entre outros) foi a presença de movimento sintático em (1a) e sua ausência em (1b) demonstrada pela presença de um pronome (pleno). Essa distinção demonstra que as línguas naturais possuem, pelo menos, duas estratégias para destacar um constituinte oracional; ou, em outras palavras, duas cadeias temáticas em que o argumento do verbo está deslocado à esquerda, mas que diferem derivacionalmente: no primeiro caso, o constituinte é concatenado ao seu predicado e depois movido para uma posição estruturalmente mais alta, deixando uma cópia que é apagada no componente fonológico da linguagem. No segundo, um pronome é concatenado ao predicado, uma oração completa se forma, e só então o tópico, que governa a interpretação do pronome, é concatenado.¹

Em línguas românicas como o italiano, Cinque (1990) identifica as mesmas construções do inglês: *Topicalization*, que envolve movimento para uma posição de foco ou tópico (de um operador nulo); e *Left-Dislocation*, em que o tópico é concatenado já na posição deslocada e não há movimento de operadores nulos. Entretanto, Cinque identifica ainda uma terceira construção com propriedades mistas, a *Clitic-Left-Dislocation* (CLLD), exemplificada em (2a). Nessa construção, um clítico que retoma o tópico é obrigatório, como se vê em (2b). O mesmo não acontece em estruturas de LD, como (2c).

¹ Um fato não explicado, e raramente mencionado, é que o pronome obrigatoriamente toma o tópico como seu referente. Uma interpretação “livre” do pronome em (1b) não é possível, o que demonstra a existência de uma Cadeia entre o tópico e o pronome. A obrigatoriedade da formação dessa cadeia pode ser explicada teoricamente se assumirmos que ao tópico tem de ser assinalado um papel temático e isso só pode acontecer por movimento ou se o tópico ligar o pronome na posição argumental. Os chamados tópicos selvagens representariam um problema para essa linha de raciocínio. Voltamos a essa discussão na seção **xx**.

- 2) a. In quella città, non ci sono mai stato.
em essa cidade não lá tenho já estado
'Nessa cidade, eu ainda não estive.'
- b. *In quella città, non sono mai stato là.
em essa cidade não tenho já estado lá
'Nessa cidade, eu ainda não estive lá.'
- c. Quella città, non sono mai stato là.
essa cidade não tenho já estado lá
'Essa cidade, eu ainda não estive lá.'

Cinque demonstra que a CLLD é sensível a ilhas fortes e apresenta conectividade, duas características geralmente associadas ao movimento sintático. Entretanto, o autor demonstra também que apenas a Topicalização envolve movimento-QU, enquanto a CLLD tem os tópicos concatenados já na posição deslocada e não tem movimento de operadores, como a LD. O autor então argumenta que cadeias de ligação também são sujeitas a efeitos de ilha (forte). Um dos argumentos dados por Cinque contra o movimento nas estruturas de CLLD é a ausência de efeitos de subjacência. A sentença (3), por exemplo, não pode ser gerada por movimento cíclico sem que alguns operadores “pulem” mais de duas barreiras, o que deveria fazer a sentença agramatical.

- 3) Loro, il libro, credo che a Carlo sai sicuro che non glielo daranno mai.
eles, o livro, acredito que ao Carlo estejam seguros que não a.eles.o darão

Quando voltamos nossa atenção ao PB, que tem perdido os clíticos de terceira pessoa, vemos que construções com tópicos podem apresentar um pronome pleno na posição temática, ou deixar essa posição fonologicamente nula. As construções de foco, como no inglês e italiano, não admite retomada pronominal.

4) a.	O JOÃO (*ele) leu o livro de sintaxe (não o Pedro).	Foco contrastivo
b.	O livro de sintaxe, o João leu ø/ele ontem.	Tópico
c.	O João, ele leu o livro de sintaxe.	Tópico
d.	O João, ø leu o livro de sintaxe ontem.	Tópico

A construção de Topicalização em (4b) mostra que o tópico pode estar ligado a uma categoria vazia na posição de objeto, ou a um pronome pleno. Quando o tópico está ligado à posição de sujeito, entretanto, costuma-se postular que uma categoria vazia na posição de sujeito não é possível (ou seja, que a estrutura em (4d) não ocorre). Entretanto, diferentemente do italiano, as construções com tópico deslocado em PB não são sensíveis a ilhas fortes (cf. (5a)), assim como também não são sensíveis a efeitos de subyacência (5b).

- 5) a. Esse livro, eu conheço a mulher que escreveu.
 b. Esse livro, eu acho que é óbvio que pro Carlos eles não vão dar.

Os dados em (5) demonstram que, diferentemente do italiano, um tópico deslocado que liga uma posição argumental vazia não necessariamente apresenta movimento sintático. O tópico em PB pode ligar uma variável pronominal vazia (cf. o terceiro capítulo de Cinque 1990). Isso faz com que a postulação de que a estrutura em (4d) não existe seja difícil de ser mantida. Em verdade, a estrutura em (4d) tem sido proposta para línguas de sujeito nulo com concordância forte como o Espanhol (SORIANO 1989) e o Grego (ALEXIADOU E ANAGNOSTOPOULOU 1989). Para o PB, pelo menos Kato (1999) assume a existência de (4d). O problema com essa estrutura (4d) é o fato de apresentar a mesma fonologia (ou seja, a mesma sequência de fonemas) de uma sentença sem deslocamento, o que faria as duas estruturas indistinguíveis. Entretanto, sabemos que, prosodicamente, as duas estruturas deveriam se diferenciar, uma vez que os tópicos podem ser separados do resto da sentença por uma pausa, que geralmente não ocorre em sentenças sem topicalização.

Outra assunção muito comum (cf. Bonorino 2005, Frascarelli & Hinterhölzl 2007) postula que tópicos não são movidos da posição argumental, como os constituintes focalizados. Geralmente, postula-se um operador nulo, que se move para uma posição próxima ao tópico. Entretanto, essa assunção parece ter como consequência a inexistência de reconstrução sintática de tópicos. Isso talvez seja verdade para outras línguas, mas, em PB, como mostrado em Modesto (1997/a sair), tópicos podem ser reconstruídos na posição argumental. A sentença em (6a), por exemplo, é ambígua entre uma leitura em que o pronome possessivo ‘seu’ recebe uma leitura de segunda pessoa (em que não há reconstrução); e uma leitura em que há reconstrução e o possessivo tem interpretação de terceira pessoa ligada pelo

quantificador ‘todo’ na posição sujeito. A sentença (6b), por sua vez, não pode ter a interpretação ligada e o pronome ‘seu’ somente pode ser interpretado como segunda pessoa.²

- 6) a. O seu melhor aluno, todo professor convidou _ pra fazer pós.
 b. O seu melhor aluno, todo professor convidou ele pra fazer pós.

Ainda outra questão, essa trazida à tona recentemente por Frascarelli (2007) e Frascarelli & Hinterhölzl (2007), investiga a posição ocupada pelos tópicos deslocados e se há diferentes tipos de tópicos. Esses autores partem da abordagem cartográfica que Rizzi (1997) propõe para a periferia esquerda e identificam três posições diferentes de tópicos, baseados em suas características prosódicas.

Assumindo que a prosódia pode trazer pistas sobre a estrutura sintática das línguas naturais, este trabalho apresenta a análise de dados elicitados (gravações de falantes nativos de PB enunciando construções que envolvem topicalização) para averiguar as questões postas até aqui. Nosso objetivo principal, portanto, será investigar as construções com tópicos deslocados numa interface entre a fonologia prosódica, a fonologia autosegmental e métrica e a sintaxe gerativa, para tentar elucidar os seguintes pontos:

- As construções com tópicos deslocados em PB envolvem movimento do tópico; movimento de um operador; ou mostram ausência de movimento sintático?
- O PB apresenta uma construção equivalente à CLLD em Italiano, mas com pronome nulo?
- O PB apresenta diferentes posições de tópico como o Italiano e o Alemão?
- A prosódia dos tópicos no PB é similar às essas línguas estudadas por Frascarelli?

Este trabalho se justifica por se propor a descrever o PB com maior minúcia numa área que tem se colocado no topo das preocupações de vários linguistas brasileiros, uma vez que o PB tem sido analisado como uma língua orientada para o tópico (Negrão 1999, Galves 2001, entre outros). Seguindo essa linha, Modesto (2008) propõe que todo sujeito no PB ocupa uma posição de tópico (embora com características diferentes dos tópicos deslocados).

² Há, na verdade, uma divisão entre os falantes brasileiros. Barbosa, Duarte e Kato (2005) aceitam a leitura ligada do pronome aberto em (6b), que não é aceita por alguns falantes. Nesta tese, assumimos a hipótese de especialização das formas pronominais em PB, descrita por Negrão e Müller (1996), em que apenas os pronomes nulos podem ter a interpretação de variável ligada.

Uma possibilidade seria que essa posição postulada por Modesto seja equivalente a uma das posições de tópicos propostas por Frascarelli (2007).

Depois de analisados os dados do experimento, concluiremos que apesar de um comportamento prosódico interessante a entoação do PB não fornece evidências robustas da estrutura sintática subjacente. Embora os dados tenham robustez a prosódia dos tópicos aparece difusa, inclusive com as de foco. De outro ponto de vista é possível que a tese de que o PB seja de fato uma língua orientada para tópico pode ter um amparo maior nos dados encontrados aqui, já que os sujeitos ditos canônicos possuem um comportamento bastante semelhante com certos tipos de tópico.

O trabalho está organizado da seguinte forma. O segundo capítulo discute a fonologia prosódica acima da palavra, ou seja, os domínios de frase fonológica, frase entoacional e enunciado fonológico, segundo a teoria de Nespor & Vogel (1986). Em seguida, apresentamos a teoria autosegmental e métrica descrita em Ladd (2008) e Gussenhoven (2004) que darão subsídios para nossa análise. O terceiro capítulo se ocupa da estrutura sintática frasal, de acordo com os postulados da Teoria Gerativa da linguagem proposta por Chomsky (1986, 1995, *et seq.*). Aqui discutiremos principalmente as propostas de Rizzi (1987), Frascarelli & Hinterhölzl (2007) e Frascarelli (2007) acerca da periferia esquerda da sentença; e discutiremos os trabalhos já realizados sobre as construções com tópicos no PB. Discutiremos tangencialmente as diferenças entre o PB e o Português europeu (PE), a partir do trabalho de Frota & Vigário (2000). No quarto capítulo, apresentamos a metodologia para a coleta e análise dos dados; e o resultado de nosso experimento, assim como uma discussão dos resultados. O quinto capítulo oferece uma conclusão.

1 Quadro teórico da fonologia

Este capítulo, separado em duas partes, mostra, primeiro, a organização, formação e reestruturação dos constituintes fonológicos seguindo o trabalho de Nespor & Vogel (1986). Assim veremos como se dá a formação da palavra fonológica (ω), frase fonológica (ϕ) e enunciado fonológico (I).

A seguir, veremos como é realizada uma análise da teoria autosegmental e métrica entoacional nos termos de Ladd (2008). Essa proposta analisa os eventos tonais suprasegmentais em termos binários, alto (H) e baixo (L). Assim como Ladd, descartaremos o acento diferencial da análise por entender que esse traço não contribui para diferenças em termos tonais, apenas servindo para uma diferenciação lexical.

Também será nesta seção que delinearemos os tipos de eventos relevantes para a nossa pesquisa, a saber, acentos tonais, eventos relevantes geralmente associados com a unidade portadora de acento (ω); tons de fronteira, eventos relacionados às fronteiras internas de um enunciado fonológico (I), ou seja em ϕ ; e, curva melódica, ou padrão entoacional, o contorno de um I .

Na segunda parte, apresentamos as análises que fundamentam nosso trabalho. Tenani (2002) realizou um estudo bastante completo sobre os processos de sandi nos vários domínios domínios prosódicos no PB e com isso também descreveu a entoação das declarativas neutras juntamente com Frota & Vigário (2000). Fernandes (2007) avaliou os contornos entoacionais das sentenças focalizadas em PB. Callou *et. al.* (1997) e Orsini (2003) descreveram algumas propriedades entoacionais dos tópicos em PB, porém sem separar os diferentes tipos de tópicos como fizeram Frascarelli & Hinterhölzl (2007) para o italiano e o alemão.

1.1 Quadro teórico da Fonologia Prosódica (NESPOR & VOGEL, 1986)

Para os propósitos deste trabalho levaremos em consideração os níveis hierárquicos da palavra fonológica (ω), por ser a partir dela que a interface sintaxe-fonologia se dá de modo mais direto; frase fonológica (ϕ), por ser nesse domínio que a associação de tons ao contorno entoacional se estabelece em PB; frase entoacional (I) como propostos por Nespor & Vogel (1986)³ (cf. Frota & Vigário 2000 e posteriores; Tenani 2002; Fernandes 2007; entre outros).

³ Estaremos considerando a palavra fonológica, como a unidade portadora do acento tonal (*tonal bare unit TBU*) seguindo Tenani & Fernandes-Svartman (2008) que argumentam que a palavra fonológica é o TBU, por ser essa

A formação da palavra fonológica é definida por Nespor & Vogel (1986) em (1), abaixo:⁴

1) Formação da Palavra Fonológica:

I. Domínio de ω

A. O domínio de ω é um nó sintático (Q).

ou

B. 1. O domínio de ω consiste de

a. uma raiz;

b. qualquer elemento identificado por um critério fonológico e/ou morfológico específico;

c. qualquer elemento marcado com o diacrítico [+W]

2. Qualquer elemento solto dentro de um nó sintático (Q) que seja parte de um ω próximo à uma raiz; se tal ω não existe, esse elemento formará um ω por si só.

II. Construção de ω

Agrupe em um ω n-ário todos os pés (Σ) inclusos em uma cadeia delimitada pela definição do domínio de ω .

(adaptado NESPOR & VOGEL, 1986: 141-142)

Frase Fonológica (ϕ) é o primeiro nível da hierarquia prosódica que leva em consideração informações sintáticas na sua estruturação. Este é o domínio em que processos de retração acentual ocorrem, segundo as autoras. Ou seja, em um sintagma formado por palavras em que os acentos são contíguos, dentro do mesmo domínio ou em domínios contíguos, uma delas deverá ter o seu acento retraído⁵:

2) café quente

a. [café] ω [quente] ω

unidade a portadora do acento lexical. O Grupo Clítico não será considerado um domínio por não apresentar nenhuma propriedade significativa nos dados do PB que apresentaremos. E não levaremos em conta o enunciado fonológico por não estarmos estudando nenhum dos fenômenos relacionados a este nível, tampouco eventos entre duas unidades desse domínio.

⁴ As autoras deixam claro durante seu trabalho que estão considerando o modelo X-barra da teoria gerativa.

⁵ Na verdade, o principal fenômeno descrito pelas autoras é o *Raddoppiamento Sintattico* do italiano, porém esse não é um fenômeno ativo em PB. Todavia, outros fenômenos como elisão e ditongação acontecem nesse nível da hierarquia prosódica (cf. Tenani, 2002):

A Maria almoçou -> A Ma[riau]moçou

O Diego apresentou o relatório -> O Die[goa]presentou o relatório.

b. [cáfe] ω [quente] ω

A formação da frase fonológica é definida, conforme as autoras, em (3) abaixo:

3) Formação da Frase Fonológica:

I. *Domínio de ϕ*

O domínio de ϕ consiste de um ω_1 (palavra fonológica) que contém um núcleo lexical (X) e todos os ω s do lado não recursivo do ω_1 que contém outro núcleo fora da projeção máxima de X .⁶

II. *Construção de ϕ*

Agrupe em um ϕ n-ário ramificado todos os ω s inclusos numa cadeia delimitada pela definição do domínio de ϕ .

III. *Proeminencia relativa de ϕ*

Em línguas em que a ramificação sintática é voltada para à direita, o nó mais encaixado à direita de ϕ é rotulado s (forte); em línguas em que a ramificação é voltada à esquerda, o nó mais encaixado à esquerda de ϕ é rotulado s .

Todo nó irmão de s é rotulado w (fraco).

(adaptado NESPOR & VOGEL, 1986: 168)

A autoras ressaltam a importância de o núcleo ter o traço [+lexical], impedindo assim que preposições sejam considerados na computação de um ϕ . Desse modo, apenas nomes, verbos e adjetivos/advérbios são levados em consideração. Com esse algoritmo de formação é possível formar a representação da sentença em (4b), abaixo:

4) Pedro serviu café quente.

a. [Pedro] $_N$ [serviu] $_V$ [café] $_N$ [quente] $_A$

b. [Pedro] $_\phi$ [serviu] $_\phi$ [café] $_\phi$ [quente] $_\phi$

Em (4a) temos as classes gramaticais a que cada palavra pertence, já em (4b) mostramos a formação dos ϕ s seguindo a orientação da sintaxe. Como a retração acentual

⁶ O lado recursivo, em PB, é à direita.

pode ocorrer entre ϕ s adjacentes, as autoras propõem que uma reestruturação de ϕ s possa ocorrer opcionalmente:

5) *Reestruturação de ϕ s*

Um ϕ não ramificado que seja o primeiro complemento do lado recursivo de X é absorvido pelo ϕ que contém X .

(adaptado NESPOR & VOGEL, 1986: 173)

As autoras notam ainda que a estruturação por vezes opta por separar o sujeito do restante da sentença, mas não obedece apenas a critérios sintáticos, como também ao padrão acentual e ao tamanho resultante do ϕ ⁷. Com base no algoritmo de reestruturação e nas observações das autoras, o exemplo em (4b), pode ser reanalisado como em (5), abaixo:

6) [Pedro] _{ϕ} [serviu] _{ϕ} [café_w quente]_s _{ϕ}

Repare que no ϕ [café quente] em (6) o primeiro elemento recebe a marca de fraco e o nó mais encaixado de forte. Isso acontece em todos os ϕ s respeitando o item III do algoritmo de formação.

Diferentes organizações dos ϕ s dependem de velocidade de fala, variação dialetal, estrutura informacional.

Um ou mais ϕ s de uma sentença podem ser organizados em Frases Entoacionais (*I*). Os *I*s também levam em conta informações sintáticas em sua estruturação, porém, essas informações são, segundo Nespor & Vogel, mais gerais. O nível da frase entoacional faz, adicionalmente à sintaxe, interface com a semântica e sua caracterização de proeminência é pautada por essa interface, além de fatores como estilo e velocidade de fala.

As autoras apontam que certos tipos de constituintes formam *I*s obrigatoriamente, independentemente da aparente posição sintática que ocupam. Esse é o caso de parentéticas (7a), vocativos (7b), constituintes movidos de suas posições canônicas (7c), relativas explicativas (7d), e deslocamento à esquerda⁸ (7e), respectivamente:

⁷ Um bom exemplo de reestruturação de da frase fonológica com base em estilo e velocidade de fala pode ser visto no par de exemplos, abaixo:

[O velho] _{ϕ} [Pedro] _{ϕ} [que é] _{ϕ} [um bom] _{ϕ} [paciente] _{ϕ} [faltou] _{ϕ} [hoje] _{ϕ}

[O velho Pedro] _{ϕ} [que é um bom paciente] _{ϕ} [faltou hoje] _{ϕ}

⁸ Deslocamento à esquerda é uma estrutura em que um SN/DP aparece em uma posição sintática diferente da posição argumental e existe um pronome pleno nessa posição argumental (cf. Bonorino, 2005; Callou *et. al.*, 1993; entre outros)

- 7) a. Pedro [como vocês sabem]_I é católico.
 b. [Pedro]_I, me serve um copo d'água.
 c. [O livro]_I, o Pedro comprou.
 d. Pedro [que é um bom aluno]_I faltou hoje.
 e. [O Pedro]_I, Eu vi ele ontem.

Com base em estruturas como as apresentadas pelos exemplos em (7), as autoras definem a construção da Frase Entoacional como em (8), abaixo:

8) Formação da Frase Entoacional

I. *Domínio de I*

Um domínio de *I* consiste de

- todos os ϕ s em sequência que não estão estruturalmente ligados à árvore sentencial no nível da estrutura superficial, ou
- qualquer sequência restante de ϕ s adjacentes na sentença raiz.

II. *Construção de I*

Agrupe em um *I* n-ário ramificado todos os ϕ s inclusos em uma sequência delimitada pela definição do domínio de *I*.

(adaptado NESPOR & VOGEL, 1986: 189)

Esse algoritmo de formação estabelece que elementos conectados sintaticamente na estrutura superficial e não interpolados por sintagmas outros (cf. ex. em (7)) formem um único *I*. Mesmo estruturas mais complexas, como o exemplo em (9), deve obedecer ao mapeamento do domínio de *I*:

- 9) [Pedro viu que Maria comprou um livro]_I.

Até o domínio de ϕ , a posição de proeminência relativa era fixa, mas no domínio de *I* ela é variável, por conta da interface desse domínio com a semântica. Assim, a proeminência relativa da sentença em (9), acima, depende de fatores semânticos como informação nova/dada, foco, ênfase:

- 10) a. [[Pedro] _{ϕ_w} [viu] _{ϕ_w} [que Maria] _{ϕ_w} [comprou] _{ϕ_w} [um livro] _{ϕ_s}]_I.

- b. $[[\text{Pedro}]_{\phi w} [\text{viu}]_{\phi w} [\text{que Maria}]_{\phi w} [\text{comprou}]_{\phi s} [\text{um livro}]_{\phi w}]_I$
- c. $[[\text{Pedro}]_{\phi w} [\text{viu}]_{\phi w} [\text{que Maria}]_{\phi s} [\text{comprou}]_{\phi w} [\text{um livro}]_{\phi w}]_I$
- d. $[[\text{Pedro}]_{\phi w} [\text{viu}]_{\phi s} [\text{que Maria}]_{\phi w} [\text{comprou}]_{\phi w} [\text{um livro}]_{\phi w}]_I$
- e. $[[\text{Pedro}]_{\phi s} [\text{viu}]_{\phi w} [\text{que Maria}]_{\phi w} [\text{comprou}]_{\phi w} [\text{um livro}]_{\phi w}]_I$

Nos exemplos em (10) podemos ver que, em cada uma das representações, um e apenas um ϕ é marcado como forte e todos os outros restantes são marcados como fracos. Com base nessa propriedade mais flexível do que a apresentada no domínio de ϕ , as autoras definem a regra de proeminência relativa de I como em (11), abaixo:

11) *Proeminência Relativa da Frase Entoacional*

Dentro de um I , um nó é rotulado s (forte) com base na proeminência semântica; todos os outros nós são rotulados w (fraco).

(adaptado NESPOR & VOGEL, 1986: 191)

Nespor & Vogel ainda ressaltam que o fato de I não ter uma ramificação binária é vantajoso já que isso restringiria a possibilidade de rotular um nó qualquer como sendo o nó forte da estrutura, porque, em geral, é o nó mais encaixado que recebe esse rótulo. A ramificação n -ária é, então, segundo o sistema desenvolvido, o “facilitador” da propriedade de atribuição de proeminência relativa.

A reestruturação do domínio de I é feita com base principalmente no tamanho do I original em relação ao estilo do falante, velocidade de fala e proeminência contrastiva. Ou seja, dado o mapeamento de um I muito longo é possível realizar uma reestruturação em I s menores, mas é preciso observar que algumas reconstruções são impossíveis:

12) $[\text{Pedro José da Silva Manoel viu que Maria Albuquerque da Nóbrega Oliveira comprou um livro}]_I$.

a. $[\text{Pedro José da Silva Manoel viu}]_I [\text{que Maria Albuquerque da Nóbrega Oliveira comprou um livro}]_I$.

b. $[\text{Pedro José da Silva Manoel viu}]_I [\text{que Maria Albuquerque da Nóbrega Oliveira}]_I [\text{comprou um livro}]_I$.

c. $[\text{Pedro José da Silva Manoel}]_I [\text{viu que Maria Albuquerque da Nóbrega Oliveira comprou um livro}]_I$.

- d. [Pedro José da Silva Manoel]_I [viu que Maria Albuquerque da Nóbrega Oliveira]_I [comprou um livro]_I.
- e. *[Pedro José]_I [da Silva Manoel]_I [viu que Maria Albuquerque]_I [da Nóbrega Oliveira]_I [comprou um livro]_I.
- f. *[Pedro José da Silva]_I [Manoel viu que]_I [Maria Albuquerque da Nóbrega]_I [Oliveira comprou um livro]_I

Repare que enquanto (12a-d) são possíveis seguindo as regras de formação e reestruturação de *I*. Ainda segundo as regras de formação e de reestruturação de *I* e também por conta da *Strict Layer Hypothesis* (SLH) (12e-f) são mapeamentos impossíveis. Essa hipótese, SLH, requer que um dado nível hierárquico domine exhaustivamente os níveis inferiores. Reconstruindo (12f), (13) abaixo, com os ϕ s, representados entre parênteses, vemos que existe uma não dominância exhaustiva como requer a SLH:

13)*[(Pedro José da Silva]_I [Manoel] ϕ (viu) ϕ (que]_I [Maria Albuquerque da Nóbrega]_I [Oliveira] ϕ (comprou) ϕ (um livro) ϕ]_I

Outro ponto adicional para (12e-f) não serem reconstruções possíveis é o fato de separar unidades semânticas em *Is* diferentes. Todas as outras reconstruções respeitam minimamente essa interface.

Contextos de lista obrigam a reestruturação de *Is*, segundo as autoras. Nespor & Vogel afirmam que a existência de um mesmo contorno entoacional para cada membro constitutivo de uma lista é uma evidência de que esses elementos formam cada um seu próprio *I*. Em (14) temos o algoritmo dado pelas autoras para este contexto:

14) *Reconstrução de Lista*

Numa sequência de mais de dois constituintes do mesmo tipo, i.e. $x_1, x_2 \dots x_n$, uma pausa entoacional pode ser inserida antes de cada repetição do nó *X*, i.e. antes de $x_2, x_3 \dots x_n$.

(adaptado NESPOR & VOGEL, 1986: 201)

Assim sendo, uma sentença com uma lista de constituintes do mesmo tipo, como a apresentada em (15), abaixo, teria cada constituinte da lista seria mapeado em um *I*:

15) Vou comprar: maçã, banana, abacaxi.

[Vou comprar]_I: [maçã]_I [banana]_I [abacaxi]_I.

Um último aspecto do domínio de *I* diz respeito a coordenações. Retomando o item (Ib) da formação de *I*, em que fica explícito que devemos agrupar todos os *φ*s de uma sentença raiz em um mesmo *I*, fica exposto como se deve proceder em caso de uma estrutura composta por coordenação:

16) O Pedro viu a Maria e foi jantar com ela.

[O Pedro viu a Maria]_I [e foi jantar com ela]_I

O exemplo em (16) mostra que cada sentença raiz tem seu próprio *I*, respeitando assim o algoritmo de formação. Os *I*s de uma sentença são organizados em um Enunciado Fonológico (*U*).

1.2 Quadro teórico autossegmental e métrico entoacional (LADD 2008)

A teoria autossegmental e métrica entoacional começou a ser desenvolvida em meados da década de 70 com as teses de Liberman (1975), Bruce (1977) e (1980). Tomaremos como base o trabalho de Ladd (2008). Ladd (2008: 4) define o termo *suprasegmental* como compreendendo duração, intensidade, e aspectos da frequência fundamental, *F0*. Para os propósitos deste trabalho, estaremos interessados somente neste último. Gussenhoven (2004: 2)⁹ esclarece que *F0* é uma onda provocada pela vibração, movimento de abertura e fechamento também chamado de período, das cordas vocais em um intervalo de tempo. *Hertz (hz)* é a unidade de medida que usamos no cálculo da *F0*.

Já o *pitch* é, segundo Gussenhoven, a sensação auditiva da altura tonal que é medida no valor de *F0*. Na música percebemos a diferença entre dois lãs de oitavas diferentes (lá4 = 220Hz e lá5 = 440Hz) ou na voz de um homem (dentro de uma faixa de 75-400Hz), de uma criança (normalmente acima de 600Hz) e de uma mulher (aproximadamente 100-400Hz) na fala cotidiana¹⁰. Para os propósitos linguísticos o *pitch* é interpretado como uma nota musical, ou seja, uma determinada frequência é rotulada com um nome: um homem que

⁹ Para os propósitos deste trabalho usaremos a teoria proposta em Ladd (2008) e apenas quando acharmos necessário faremos uso das formulações propostas por Gussenhoven (2004).

¹⁰ Gussenhoven (2004:6-7).

produza uma sílaba em 300Hz tem essa sílaba rotulada como alta, caso seja uma mulher, essa mesma sílaba com o mesmo valor de *F0* pode ser considerada baixa dentro de seu espectro de fala.

Ladd exclui todos os aspectos suprasegmentais que fazem distinções lexicais, como *indico* (substantivo) e *indico* (verbo), do escopo do seu estudo para definir a entoação no nível sentencial ou pós-lexical (p. 6). E também afirma que a organização em entidades categoriais distintas e diferentes relações fazem com que a entoação seja linguisticamente estruturada. A organização em entidades categoriais distintas deve ser entendida como uma relação tom alto e tom baixo (cf. seção anterior) e as diferentes relações em termos de evento tonal associado com a sílaba proeminente e evento tonal associado à fronteira.

Assim, a teoria autossegmental e métrica descrita em Ladd (2008) se caracteriza por tratar de questões da estrutura suprasegmental dentro de uma abordagem fonológica que toma dados foneticamente mensurados como fonte de dados. Gussenhoven (2004: 123) explica que

“The model is autosegmental because it has separate tiers for segments (vowels and consonants) and tones (H,L). It is metrical because it assumes that the elements in these tiers are contained in a hierarchically organized set of phonological constituents.”¹¹

Os objetivos principais dessa teoria são, segundo Ladd, (i) caracterizar adequadamente contornos em termos de uma sequência de elementos categorialmente distintos; e, (ii) prover um mapeamento de elementos fonológicos para parâmetros acústicos contínuos (LADD 2008; 43).

A partir desses objetivos, Ladd aponta os quatro princípios básicos da teoria autossegmental e métrica como sendo

- (1) *Sequential tonal structure*: tonal structure consists of a string of local *events* associated with certain points in the segmental string.
- (2) *Distinction between pitch accent and stress*: pitch accents, (...), are in the first instance *intonational* features,

¹¹Gussenhoven (2004: 123) o modelo é autossegmental porque separa camadas para segmentos (vogais e consoantes) e tons (H,L). Ele é métrico porque assume que os elementos nessas camadas estão contidos num conjunto de constituintes fonológicos organizado hierarquicamente.

which are *associated with* certain syllables in accordance with various principles of prosodic organisation. The perceived prominence of accented syllables is, at least in some languages, a matter of *metrical strength* and/or *dynamic stress*, which can be distinguished from pitch accent.

(3) *Analysis of pitch accents in terms of level tones*: pitch accents and edge tones in intonational languages can be analysed as consisting of primitive *level tones* or pitch targets, High (H) and Low (L).

(4) *Local sources for global trends*: the phonetic realisation or *scaling* of any given H or L tone depends on a variety of factors (degree of emphasis, position in utterance, etc.) that are essentially orthogonal to its identity as H or L. Overall trends in pitch contours (e.g. gradual lowering of overall range) mostly reflect the operation of *localised* but *iterated* changes in scaling factors.¹²

(LADD 2008; 44)

Segundo Ladd, ainda, a estrutura tonal consiste na associação de certos pontos da sequência segmental com eventos locais em sequência. A passagem de um evento para outro é chamado de *transição* e nesse ponto o contorno tonal é fonologicamente não-especificado.

Ladd afirma que

“the most important events of the tonal strings are the *pitch accents*, which are associated with proeminent syllables in the segmental string, and the *edge tones*, which are associated

¹² Ladd (2008; 44) (1) *Estrutura tonal sequencial*: estrutura tonal consiste de uma sequência de *eventos* locais associados com certos pontos na sequência segmental; (2) *Distinção entre acento tonal e acento*: acentos tonais, (...), são em primeira instância traços *entoacionais*, que são *associados com* certas sílabas de acordo com princípios de organização prosódica variado. A proeminência percebida de sílabas acentuadas é, pelo menos em algumas línguas, uma questão de *força métrica* e/ou *acento dinâmico*, que pode ser distinguida do acento tonal; (3) *Análise de acento tonal em termos de níveis tonais*: acentos tonais e tons de fronteira em línguas entoacionais podem ser analisados como sendo níveis tonais primitivos ou alvos tonais, alto (H) e baixo (L); (4) *Fontes locais para tendências globais*:

with the edges of intonational tunes at major prosodic boundaries”¹³.

(LADD 2008; 44)

A ideia da estrutura tonal, então, toma por base esses dois eventos, acentos tonais e tons de fronteira, diferenciando-os nas transições. Essa inovação da teoria, segundo o autor, permite que alguns segmentos da curva de *pitch* sejam considerados relevantes em detrimento de outros.

Já a diferenciação entre acento tonal e acento lexical, nas línguas em que é possível fazê-la, trata o acento tonal como uma característica local do contorno entoacional, mostrando que a sílaba a qual ele está associado é de alguma forma proeminente:

17)

Essa proeminência é definida por uma mudança no valor do *pitch*, existindo um valor máximo e um valor mínimo (LADD 2008: 48). Já o acento, em línguas como o português e o inglês, tem uma relação mais direta com duração, qualidade da vogal e intensidade. No exemplo acima as pronúncias do nome e do verbo com entoação interrogativa mostram como uma mesma curva melódica pode ser aplicada em acentuações diferentes. Como o autor informa “actual prominence in an utterance is signalled by a complex of phonetic cues that reflect in a greater force of articulation and possibly rhythmic regularity” (LADD 2008: 53).¹⁴

Vamos assumir com o autor que a análise do *pitch* em termos de níveis tonais é um modo apropriado e acurado de realizar a descrição dos contornos. Analisar o contorno entoacional em termos de níveis tonais é uma abstração fonológica que não corresponde à realidade fonética, ainda segundo o autor. Os níveis tonais são descritos binariamente em termos de alto, H (*high*), e baixo, L (*low*). Como o autor destaca

¹³ Ladd (2008:44) “os eventos mais importantes da sequência tonal são os acentos tonais, que são associados com sílabas proeminentes na sequência segmental, e tons de fronteira, que são associados com as fronteiras da melodia entoacional nas fronteiras prosódicas maiores”(grifos do autor).

¹⁴ Ladd usa os termos *stress* para se referir ao acento lexical e *accent* para se referir ao acento tonal. “Proeminência real em um enunciado é atribuído por um complexo de evidências fonéticas que refletem maior força de articulação e possivelmente regularidade rítmica”.

“by reducing the number of distinctive levels to two, the AM theory avoids the problem of predicting more contrasts than there are. (...) By analysing (...) and ascribing variations in the height of the H or the L to orthogonal factors, a two-level theory seems to strike the right balance between phonological contrast and paralinguistic variation.”

(LADD 2008: 64)

Os tons são atribuídos de acordo com a faixa de altura de cada falante, sendo que são também relativos aos alvos dos eventos tonais. Essa ideia significa que um dado falante possui uma variação nos valores máximos e mínimos de F_0 e que cada enunciado produzido possui suas próprias características entoacionais, mais precisamente, as medições precisam ser realizadas em cada enunciado e então caracterizadas de modo relacional dentro desse enunciado.

Ladd (2008:76) aponta que os valores de F_0 tem uma clara tendência de declive, ou seja, um tom H possui um valor de F_0 maior que o tom H seguinte. Essa tendência é tratada na teoria autosegmental e métrica, e também será aqui, por um processo chamado de declínio geral na realização fonética, *downstep*, na fonologia. O declínio geral é uma ocorrência local que gera uma tendência global. Ladd aponta ainda que esse processo não necessariamente ocorre e pode acontecer um aumento no valor de F_0 , ao invés do declínio geral. Isso ocorre devido a inúmeros fatores como sentenças interrogativas ou ênfases:

“(...) the second High tone in a sequence High-Low_High is realised at a lower level than the first High, and the level of the second High sets a new ceiling for the realisation of High tones until the end of a phrase or some other relevant prosodic unit.”

(LADD 2008: 77)

Na notação dos eventos tonais, Ladd atualiza o que foi proposto originalmente por Goldsmith (1976 *apud* Ladd, 2008) e adaptado por Pierrehumbert (1980). Os eventos tonais podem ser simples, H ou L, ou um combinado de dois tons, HL ou LH. O evento tonal associado com uma sílaba proeminente e acentuada recebe um asterisco no evento tonal, H* ou L*. O evento tonal central recebe o asterisco no caso dos eventos combinados, L*H, LH*,

H*L ou HL*, que são usados para indicar uma mudança repentina no contorno de *F0*.¹⁵ Também temos eventos tonais de fronteira, quase sempre simples (em português é comum a ocorrência de eventos complexos), que são acompanhados pelo símbolo (%).¹⁶

O alinhamento dos alvos tonais com a sequência segmental é passível de ser realizado de modos variados criando efeitos prosódicos diferentes (LADD 2008:169). Isso significa dizer que o falante possui certa (senão total) condição de controlar a pressão subglotal para alterar um alinhamento menos marcado para um outro que evidencie o que se quer ressaltar na sentença. Ladd aponta diversos estudos experimentais, tanto de produção quanto percepção, em que o alinhamento dos tons foi alterado com o objetivo de ressaltar esse fato (cf. Bruce 1977 para o sueco; Kohler 1987, 2005 para o alemão; Dilley & Brown 2007 para o inglês; entre outros).

Gussenhoven (2004) argumenta que a entonação não apresenta uma aparente estrutura interna e, ao mesmo tempo, mostra certa arbitrariedade, dualidade e a propriedade de ser discreta¹⁷ (cf. Cap. 4). A solução, segundo o autor, é que estas duas conclusões são válidas; por um lado “the non-linguistic kind of intonation is to be understood as purposeful variation in the phonetic implementation” e; por outro, “structural intonation is morphologically and phonologically encoded, and is thus part of the grammar” (GUSSENHOVEN 2008: 57,58).

As implementações fonéticas são as últimas antes do sinal acústico, pois, como Gussenhoven (2004:124) explica, é ali que os tons são traduzidos em alvos de *F0*. A dificuldade se encontra por um lado em a curva entoacional ter um aspecto gradiente e por outro em tentar apresentá-la como um agrupamento de eventos discretos passíveis de caracterização. Apresentamos em (6), abaixo, a arquitetura desse modelo:

18)

¹⁵ Ladd (2008: 88, 89 cf. notas 1 e 2) indica que tanto o hífen que indicava o evento adjacente ao estrelado quanto o sinal de adição entre os dois tons, na proposta original (cf. Pierrehumbert 1980:29), caíram em desuso.

¹⁶ Ladd utiliza esta notação para indicar a última fronteira do último constituinte; aqui, no entanto, essa notação fará referência às fronteiras internas deixando a notação (*i*) para indicar a última fronteira (seguindo a notação utilizada por Gussenhoven (2004)) já que, em PB, como veremos, o nível da frase fonológica também é marcado por acento frasal.

¹⁷ Gussenhoven argumenta que essa propriedade se refere ao fato de um elemento linguístico estar ou ausente ou presente (como os morfemas verbais) e que não há um meio termo.

Hierarquia prosódica com distribuição tonal da
 sentença *Too many cooks spoil the broth.*

(adaptado Gussenhoven 2004:124)

Como podemos notar, para Gussenhoven, os acentos tonais são associados às sílabas proeminentes, enquanto o tom de fronteira está associado à fronteira de frase entoacional.

1.3 Análises entoacionais

1.3.1 O padrão neutro do PB

Frota & Vigário (2000) realizam um estudo comparativo de produção e percepção de ritmo e entoação entre as variedades europeia e brasileira do português. Segundo as autoras, a fronteira esquerda de φ no PB é opcionalmente e frequentemente marcada por um tom H (91% das ocorrências); já a fronteira direita é marcada por um tom L (24%) (FROTA & VIGÁRIO 2000: 15).¹⁸

19)

Luc213: [[A inteligência]φ [da catalogadora]φ [foi determinant(e)]φ]I
 H L H L H L H L

¹⁸ A baixa ocorrência de tom L na fronteira direita de φ pode ser explicada em decorrência das sentenças usadas pelas pesquisadoras. Alternativamente, este tipo de evento tonal pode querer dizer mais sobre o tipo de posição que o constituinte ocupa do que propriamente apenas marcar uma fronteira. Estamos avaliando essa hipótese e esperamos ter uma resposta ao menos indicativa até o fim da tese.

Nas palavras das autoras:

“As diferentes propriedades entoacionais de ϕ nas duas variedades do Português não se limitam à presença ou ausência de acentos tonais. O PB, ao contrário do PE, apresenta outros eventos tonais que, apesar de não serem obrigatórios, ocorrem com frequência nos dados observados: um tom H cuja posição no contorno é definida relativamente à fronteira esquerda de ϕ e um tom L ligado à fronteira direita deste domínio prosódico”

(FROTA & VIGÁRIO, 2000 p. 14-15)

Tenani (2002), por sua vez, empreende um estudo sobre os processos de sandi em PB e PE com o objetivo de comparar as estruturas prosódicas. Para tal, a pesquisadora também empreende em seu estudo uma avaliação da entoação de sentenças neutras em PB. Todas as sentenças eram do tipo SVO (sujeito-verbo-objeto) contendo um único *I* e três ou mais ϕ s (cf. Cap. 2 de Tenani 2002). Tenani encontrou em todas as ocorrências um evento tonal do tipo HL* na última sílaba acentuada, sendo esse também o acento principal da sentença (p. 35). Ela também encontra um tom L na fronteira final de *I* (p.36):

20)

[[A casa] ϕ [do Pedro] ϕ [ficou] ϕ [PRONTa] ϕ] *I*
a kaza du pedru fikou prota
LH* L* H L* Li

Tenani encontra em frases entoacionais ramificadas um evento tonal LH* na primeira sílaba tônica não proeminente de ϕ , indicando que esse é um evento que marca a fronteira esquerda da frase entoacional (p.46-47). Esse evento é seguido de um evento L* na sílaba proeminente de ϕ :

21)

[[[A NOVA] ω [ASTRÓloga] ω] ϕ [[usa] ω [sempre] ω] ϕ [[roupa] ω [clara] ω] ϕ [em festa] ϕ] *I*
a novastrologauza seĩpri xoupa klarĩ festa
LH* L* LH* L* L* HL* Li

A autora confirma os achados de Frota & Vigário (2000) em que se observou uma alternância maior entre tons altos e baixos em PB (p. 44):

22)

[A pesquisadora terminou os trabalhos.]I
a peskizadora terminous trabaʒus
H LH* L* HL* Li

1.3.2 O padrão de foco em PB

Fernandes (2007) empreendeu um estudo sobre a interface da sintaxe com a prosódia com o objetivo de estabelecer uma descrição precisa das sentenças com sobre o sujeito das variedades do português europeu e brasileiro. Quando a sentença contém proeminência sobre sujeito Fernandes (2007: 208) descreve um evento L*H associado à sílaba mais proeminente do ϕ sujeito e um tom L na fronteira do mesmo ϕ (ex.(11) FERNANDES 2007: 208):

23) [[(as meNInas) ω](BElas) ω] ϕ [(moRREram) ω] ϕ [(no LAgo) ω] ϕ]I
| | |
L*+H Lp H+L*

Porém quando o ϕ que contém o sujeito focalizado apresenta o tom H associado à sílaba acentuada, um tom L ocorre na pós-tônica, segundo a autora (ex. (12) FERNANDES 2007: 209)¹⁹:

24) [[(os JOvens) ω] ϕ [(moRREram) ω] ϕ]I
| | |
H*+L H+L* Li

A autora ressalta que a configuração neutra não é incompatível com foco sobre o sujeito, mas afirma que as principais características das sentenças com sujeito focalizado são a presença de tom de fronteira L no ϕ do sujeito e ausência de eventos tonais associados às

¹⁹ Uma possibilidade para esse contorno é a falta de material métrico saliente para a associação de eventos tonais no sujeito.

palavras fonológicas intermediárias (entre a última sílaba proeminente do último ϕ de *I* e a fronteira do ϕ do sujeito).

1.3.3 O padrão de tópico em italiano e alemão

O trabalho de Frascarelli & Hinterhölzl (2007) se situa na interface da sintaxe com a prosódia e tem como objetivo avaliar as construções de tópico do Italiano e alemão, em dados de *corpora*, como o LIP²⁰ e o Irene Forsthoffer (FU-Berlin)²¹. Os autores apostam numa série de testes sintáticos para identificar as diferenças nas estratégias de topicalização das duas línguas. O trabalho dos autores busca evidenciar primeiro a entoação das construções de tópico em italiano, seção 2, para depois discutir sua sintaxe, seção 3. A seção 4 é dedicada ao detalhamento da entoação das sentenças com topicalização em alemão e a seção 5 à sintaxe destas sentenças.

Os autores se contrapõem ao modelo de CP de Rizzi (1997), que advoga em favor de um modelo mais articulado para a estrutura do sintagma complementizador, no que diz respeito ao tipo de informação que cada posição pode veicular. Mostram também que os tópicos exercem diferentes funções e possuem diferentes características a depender da posição que ocupam na estrutura:

- . tópico conversacional (*aboutness topic*) : informação relativamente nova e que é o tema da sentença (Reinhart, 1981);
- . tópico contrastivo: constituinte que cria um par opositivo a outro tópico (Chafe, 1987);
- . tópico familiar: constituinte acessível, geralmente realizado em uma forma pronominal (Pesetsky, 1987).

Podemos ver a realização de cada tópico abaixo:

13) *La situazione è questa: l'insegnante come ho detto ai ragazzi è in maternità ha una gravidanza difficile e sta usufruendo di quella legge particolare della maternità anticipata per ora ha avuto un mese io penso che non tornerà*

²⁰ O LIP – Léxico de frequência do Italiano Falado – consiste de 490 mil palavras em monólogos coletadas entre 1990-1992. Fonte: <http://badip.uni-graz.at/en/description> visitado em: 13/11/2013.

²¹ Esse *corpus* consiste de gravações digitais e transcrições de entrevistas de rádio entre um apresentador e ligações de ouvintes.

però lei m'ha detto ah di non dirlo ancora ai ragazzi perché per motivi suoi- comunque io signora penso di chiudere l'anno [...] questo comunque io ai ragazzi non l'ho detto direttamente.

‘A situação é esta: a professora, como eu disse **pros meninos**, está grávida, tá tendo uma gravidez difícil e está usufruindo daquela lei específica de maternidade antecipada que permite que ela se ausente, por agora tem um mês **eu** penso que ela não volta, mas ela me disse pra não dizer nada **pros meninos**, porque pelos motivos dela- de todo modo eu penso que ela não fecha o ano [...] **isto**, de todo modo, **eu**, **pros meninos**, não vou falar diretamente.’

***Questo** comunque **io ai ragazzi** non l'ho detto direttamente.*

Isto de todo modo **eu pros alunos** não (cl.3p.acc.sg.)-vou falar diretamente

isto, de todo modo, **eu**, **pros meninos**, não vou falar diretamente.

Para cada um destes tópicos, os autores procuram evidências sintático-fonológicas que sustentem a ideia de que as posições da estrutura rizziana não podem ser ocupadas de modo livre e aleatório. Frascarelli & Hinterhölzl propõem que o tópico conversacional seja o mais alto, seguido do tópico contrastivo e, por fim, o tópico familiar ocuparia a última posição:

25) Hierarquia dos tópicos

Tópico conversacional [+aboutness] > Tópico contrastivo > Tópico familiar

Para o italiano, os autores mostram a existência de três tipos de eventos tonais associados à tópicos: os contornos L*+H, para tópicos conversacionais, H*, para tópicos contrastivos, e L*, para tópicos familiares.

No caso do padrão L*+H, os autores associam um aumento na frequência fundamental em toda a extensão da vogal tônica e o pico desse aumento alinhado à sílaba pós-tônica:

*Il materiale era tantissimo quindi all'inizio l'ho fatto tutto di corsa cercando di impiegarci il tempo che dicevate voi magari facendolo un po' superficialmente pur di prendere tutto- **l'ultima unit** la sto facendo l'ho lasciata un po' da parte perché ho ricominciato il ripasso...*

‘Era muito material e por isso no início eu fiz tudo meio com pressa tentando fazer tudo no tempo que vocês tinham determinado talvez fazendo meio superficialmente de modo a fazer tudo – **a última unidade eu estou fazendo agora**, eu deixei ela um pouco de lado porque eu recomecei o programa todo....’

Figura 1 (Frascarelli & Hinterhölzl 2007 pág. 4)

Já o contorno H* é alinhado a toda extensão da sílaba tônica e o final do constituinte é marcado com um tom baixo (L) de fronteira. O restante da sentença, segundo os autores, é formado por uma frase entoacional separada com um pico sobre o advérbio.

Le lingue in particolare non c'ho un metodo particolare perché ho avuto una storia travagliata soprattutto con l'inglese [...] col francese benissimo: ho fatto tre anni di

medie avevo raggiunto un buon livello secondo me riuscivo a vedere un film - in inglese ho avuto sempre problemi con i professori.

‘As línguas em particular eu não tenho um método especial porque eu tive uma história atrapalhada sobretudo com o **inglês** (...) com o francês foi perfeito: eu estudei três anos na escola secundária, e cheguei a ter um bom nível, eu conseguia ver um filme na versão original – **no inglês** eu sempre tive problema com os professores.’

Inglese ho avuto sempre problemi con i professori

Em inglês tenho tido sempre problemas com os professores

Figura 2 (Frascarelli & Hinterhözl 2007 pág. 5)

O contorno L*, associado com o tópico familiar, é encontrado com elementos já estabelecidos na informação compartilhada.

*B: io dovevo studiare le regole qui e lì fare solo esercizio, invece mi aspettavo di trovare dei punti a cui far riferimento ogni volta per vedere la regola, questo mi è mancato praticamente per avere **la conferma** di ricordare tutto insomma; A: comunque quelle domande ti davano **la conferma** che avevi capito; B: ma... magari non me la- non riesco a darmela da sola **la conferma**.*

‘B: Eu tinha que estudar as regras aqui e fazer os exercícios ali, mas eu esperava encontrar alguns pontos de referência

sempre pra rever a regra, isso me fez falta na prática, pra ter a certeza de lembrar de tudo, enfim; A: mas de qualquer modo aquelas perguntas te davam a certeza de ter entendido tudo; B: é, não... talvez eu não consiga me dar sozinha a certeza.'

Non riesco a darmela da sola la conferma.
 Não posso dar-me (cl. 3p. Sg. Acc. Fem.) sozinho a confirmação

Figura 3 (Frascarelli & Hinterhölzl 2007 pág. 6)

Como os autores fazem notar, a entoação do constituinte topicalizado forma uma frase entoacional em separado do restante da sentença, marcado pelo tom baixo.

Em um caso de topicalização múltipla, os autores consideram que, como dito anteriormente, primeiro temos um tópico conversacional seguido de um tópico familiar.

*Era tutto molto nuovo nel senso che comunque la lingua **inglese** attraverso i programmi sul computer diciamo [...] comunque l'**inglese** risultava anche facendolo da solo più interessante [...] io, **inglese** non- premetto non l'avevo mai fatto.*

'Era tudo muito novo no sentido de que de qualquer modo a língua inglesa por programa de computador, digamos, ... de qualquer modo o inglês me parecia, mesmo se eu estava fazendo sozinha, me parecia mais interessante... eu, inglês, não.. juro que eu nunca tinha feito.'

Io, inglese non- premetto non l'avevo mai fatto.

Eu, inglês não- declaro não o ter nunca feito.

Figura 4 (Frascarelli & Hinterhölzl 2007 pág. 7)

A visão dos autores é de que o sujeito pronome *io* é um tópico conversacional introduzido como informação relativamente nova e que *inglese* é o tópico familiar, portanto receberiam os contornos L*+H e L* respectivamente.

Na concepção dos autores, a recursividade de tópicos é possível apenas para os tópicos familiares, ou seja, as posições de tópicos discursivos e contrastivos não são recursivas. Assim, para o italiano, o modelo estendido do complexo CP estaria preocupado com o valor informacional do constituinte:

26) [ShiftP [+aboutness] [ContP [FocP [FamP+ [IP...]]]]]

Outra questão para os autores diz respeito à concatenação dos constituintes. Para eles, os tópicos são concatenados em posições A-barra e se vinculam com a posição argumental por um pro/pronome por ser passível de um problema com o Princípio C, ou seja, um efeito de cruzamento. Os autores dão um exemplo de reconstrução:

- 27) a. La mia foto con Leo_i lui_i non l'ha ancora mostrata.
A minha foto com Leo_i ele_i não a tem até agora mostrado.
b. *Lui_i non ha ancora mostrato la mia foto con Leo_i.

Os autores notam que, caso o constituinte topicalizado seja concatenado já em TopP, o problema com o Princípio C desaparece já que *Leo* não c-comanda o pronome. Já com os tópicos contrastivos e discursivos, que são sempre retomados por um resumptivo clítico, ao menos no *corpus* em que os autores encontraram os dados, esse fato não ocorre ao contrário

do que ocorre com os tópicos familiares.

- 28) a. Darò ogni libro_i al suo_j autore. (i=j, i≠j)
Darei todo livro ao seu autor.
b. Gli darò ogni libro_i al suo_j autore. (i≠j)
Pra ele(cl) darei todo livro ao seu autor.

Com os exemplos acima, os autores mostram como um tópico familiar que se encontra na periferia direita da sentença pode estar em FamP+ com um tom baixo. O IP é obrigado a se mover por cima daquela posição para que a ordem se estabeleça. A posição que abrigaria esse IP movido é GP – *Ground Phrase* – e está situada acima de FamP+.

Frascarelli & Hinterhölzl apontam que um tópico contrastivo e um foco contrastivo não ocorrem numa mesma sentença, além disso, eles possuem o mesmo tipo de evento tonal, o contorno alto. A diferença entre tópico e foco reside na força quantificacional do foco e na sua concatenação em posição argumental, contra a falta de força quantificacional e concatenação A-barra do tópico.

Para o alemão, os pesquisadores encontraram também três contornos, L+H*, associado ao tópico conversacional; L*+H, ao tópico contrastivo; e L*, associado ao tópico familiar. O primeiro contorno, L+H*, associado ao tópico conversacional, se diferencia do encontrado em italiano apenas no alinhamento dos tons com as sílabas nas duas línguas: em alemão o tom alto está alinhado à sílaba tônica e em italiano, à sílaba pós-tônica.

C: Ich mein nich unbedingt dass es putin schadet- das mußnicht dasselbe sein aber ich glaube dass das- dass der nationalstolz also das viel beschowerene äh- zusammengehörigkeitsgefühl [...] das ja aus des zarenzeit mehr oder weniger heraufberschworen wird von- von den medien [...] A: Putin hat gemerkt ähm: da habe ich mich falsch verhalten.

‘C: Eu não queria necessariamente que isso machucasse o Putin. Isso não precisa ser a mesma coisa. Mas eu acredito que o orgulho nacional de fato o tão falado sentimento sobre união [...] que é mais ou menos lembrado dos tempos dos czares pela mídia. [...] A: Putin notou hmm que eu fiz a coisa

erra nessa situação.’

- a) dass der Nationalstolz. b) Putin hat gemerkt...
 que o prêmio nacional. Putin tem realizado....

Figure 5a-b

Para os tópicos contrastivos em alemão, os autores identificaram o contorno L*+H, o mesmo que identifica os tópicos discursivos no italiano. O contorno baixo, L*, é também associado ao tópico familiar no alemão.

*dass er [Schäuble] sagt er hat das geld bekommen und hat es der Schatzmeisterin Baumeister gegeben während **Schreiber** sagt er hat es der Schatzmeisterin äh Brigitte Baumeister gegeben un Schäuble sagt jetzt...*

‘Que ele diz ter recebido o dinheiro e deu ele ao tesoureiro Mrs Baumeister enquanto Schreiber diz que ele tem dado ao tesoureiro - Brigitte Baumeister e Schäuble dizem agora ...’

*A: wird die u-boot katastrophe die russische gesellschaft verändern – das ist meine frage heute – guten morgen. B: guten morgen – ja hat **Putin** einen fehler gemacht.*

‘A: Será que o desastre com o submarino vai mudar a sociedade russa - esta é a minha pergunta hoje - bom dia. B: Boa manhã - sim, Putin cometeu um erro.’

- a. während Schreiber sagt... b. ja hat Putin einen Fehler gemacht.
 enquanto Schreiber disse... sim teve Putin um erro feito

Figure 6a-b

*er [Putin] muss sich beraten lassen von seinen fachleuten – die ham ihn belogen [...] ich meine die wetterkarten lassen sich nachprüfen – daß dort schlechtes wetter herrschte... auch wenn **die norweger** jetzt was anderes sagen.*

‘Ele deve aceitar o conselho de seus especialistas - eles mentiram para ele. Quero dizer os mapas meteorológicos podem ser verificados. que havia mau tempo .. mesmo que os noruegueses agora afirmem outra coisa.’

Auch wenn die Norweger jetzt was anderes sagen
Mesmo que os noruegueses agora tem outra coisa dito

Figure 7

Tal qual o italiano, o alemão exhibe a propriedade de alocar o tópico familiar quer na periferia esquerda, quer na direita. Os tópicos familiares em alemão são fruto de movimento A. Frascarelli & Hinterhölzl observam que alguns advérbios como *jetzt* e *lediglich* ajudam na caracterização de posições do complexo CP quando estes tópicos estão na periferia esquerda. Já os tópicos contrastivos se encontram em uma cadeia A-barra e podem envolver movimentos de longa distância. O Princípio C que afeta os tópicos discursivos em italiano

não afeta os tópicos discursivos em alemão. Estes tópicos, para os autores, também são derivados por movimento A. A conclusão dos autores sobre o tema é de que os tópicos familiares podem ser alçados para a posição de tópicos discursivos, diferentemente do italiano.

Os autores optam por alçar o verbo em alemão sempre para a mesma projeção funcional com um traço EPP fonológico mais alto do que as projeções responsáveis pelos tópicos. Essa projeção é também responsável pela força da sentença e se encontra no complexo CP e, portanto, numa posição A-barra.

1.3.4 O padrão de tópico em PB

Callou *et. al.* (1993) realizaram um estudo das estruturas de fronteamento de natureza sociolinguística, em dados obtidos de *corpora* como o NURC e o VARSUL. Os autores encontraram diferenças entre sentenças com sintagmas fronteados e sem sintagmas fronteados. Os autores consideram que construções de topicalização veiculam foco, na maior parte dos casos, e que deslocamento à esquerda é a expressão de um tópico sentencial retomado de qualquer modo lexicalmente pleno. Para a análise prosódica, os autores contaram com 122 enunciados. Eles encontraram sete padrões entoacionais distintos, nesses dados:

- I. ascendente simples – apresenta uma subida melódica na sílaba tônica final ou postônica;
- II. ascendente duplo – duas modulações ascendentes;
- III. ascendente descendente – modulação ascendente na primeira tônica, alta até a pretônica final, descendo na última tônica;
- IV. ascendente contrastivo – modulação ascendente na pretônica ou na tônica, mais acentuada que a do padrão ascendente simples;
- V. descendente – modulação descendente na tônica final ;
- VI. neutro – tessitura normal, sem modulação ;
- VII. alto – tessitura alta sem modulação.

(CALLOU *et alii* 1993: 328)

Os autores avaliaram a prosódia de 79 dados de TOP e 43 de DE. O padrão ascendente simples foi o mais encontrado entre as construções de TOP²², 39 ocorrências. Já DE, apresentou um maior equilíbrio entre todos os padrões prosódicos levantados. Porém, os autores salientam que, em termos proporcionais, o padrão descendente é duas vezes mais frequente em DE²³, do que em TOP.²⁴

Na mesma linha de trabalho, Orsini (2003) realizou uma análise de cunho sociolinguístico em 61 enunciados do PB em *corpus* de fala espontânea – NURC-RJ, sendo 11 para posição sujeito, 10 para topicalização de objeto direto, 9 para topicalização de oblíquo não nuclear contrastivo, 10 para deslocamento à esquerda de sujeito, 10 para tópico-sujeito e 10 para anacoluto, respectivamente.²⁵

- 29) a. Hoje em dia o vinho africano é considerado.
 b. Banana frita_i de vez em quando a gente faz ___i.
 c. Aniversário da minha sogra_i, meu aniversário_j a casa enche ___i, ___j.
 d. Aquelas casas antigas_i elas_i viram tudo.
 e. Todos aniversário(s) tem festa.
 f. Conta conjunta i... é difícil de acertar aquela...
- (ORSINI, 2003: 163-168)

A autora encontra três padrões definidos para as estratégias de topicalização: (i) H* L+H* H%, padrão encontrado para sentenças de sujeito/predicado e algumas de diversos tipos de topicalização, de objeto e de sujeito; (ii) H* L+H* L% foi o padrão encontrado para marcar predominantemente construções deslocamento à esquerda (DE) e anacolutos; e, (iii) L* H*+H H% padrão encontrado na maioria dos tópicos contrastivos e em alguns casos de topicalização de objeto e de sujeito.

²² TOP é uma construção de frenteamento que, na maior parte dos casos, veicula foco.

²³ DE é a construção inequívoca para expressar um tópico e possui retomada por pronome pleno na posição de base.

²⁴ Não pretendemos realizar comparações com os dados obtidos neste estudo. Primeiramente por questões técnicas, já que a análise dos dados realizadas ali, apesar de bastante modernas na época, não são comparáveis aos atuais por conta dos avanços nos programas de análise e do poder de processamento dos computadores. Outro ponto que perturba uma análise mais comprometida com a qualidade é o modo de obtenção dos áudios. Apesar de o método sociolinguístico ter um enorme valor documental dos falares regionais, é questionável, ainda que realizada em alguns trabalhos, uma análise acústica dos áudios registrados por conta do tipo de gravador utilizado e do local de gravação.

²⁵ Tópico anacoluto, segundo a autora é uma estrutura de duplo sujeito (ORSINI, 2003:74):

(i) doce, eu gosto de gelatina, de pudim...

Na verdade essa sentença parece uma estrutura de tópico com retomada por SN e não uma sentença de duplo sujeito.

Para o padrão em (i), Orsini (2003: 162) relata que na maioria das sentenças observadas não foram encontradas pausas entre o sujeito e o predicado:

30) todos os sapatos da casa eram guardados ali.

$\begin{array}{ccc} | & & | \\ H^* & & L+H^* \quad H\% \end{array}$

(adaptado ORSINI 2003: 160)

A pesquisadora também argumenta que a opção por associar o tom L ao segundo tom H* se deve ao fato de um *downstep* ocorrer logo após o primeiro tom H*:

(ORSINI 2003:162)

Dentre as construções de tópico analisadas pela autora, 4 revelaram o mesmo padrão entoacional das construções de sujeito/predicado.

O padrão (ii), ocupado primordialmente pelas construções de DE e anacolutos, no *corpus* observado pela autora, também apresenta um *downstep* na transição do primeiro evento tonal H para o segundo:²⁶

31) aquelas casas antigas, elas viram tudo

$\begin{array}{ccc} | & & | \\ H^* & & L+H^* \quad L\% \end{array}$

²⁶ Orsini (2003: 145) afirma que os acentos bitonais marcam *downsteps* e *upsteps*.

(adaptado ORSINI 2003: 167)

A diferença está no tom de fronteira do constituinte prosódico, que na entoação (i) era H% e em (ii), L%, e na presença de pausa. O padrão em (iii) foi mais revelador das construções contrastivas, independentemente do constituinte topicalizado. A autora salienta que a ocorrência de pausa é outra característica dessa curva melódica:

32) óculos escuros, eu uso.

 | | |
 L* H*+H H%

(adaptado ORSINI 2003: 172)

As conclusões da autora são de que sintaxe e prosódia são dois módulos distintos que interagem o tempo todo. Além disso, ela advoga que a diferença entre uma sentença de sujeito difere de uma de tópico de sujeito pela existência de pausa. Mais ainda, que é a prosódia a responsável por distinguir estruturas contrastivas de deslocadas à esquerda e de sujeito, mas não é possível diferenciar entoacionalmente estruturas de tópico das de sujeito (ORSINI, 2003:182).

É possível, dentro do quadro desenhado pela pesquisadora, inferir que o PB esteja se tornando uma língua de tópico e não de sujeito, tendo em vista os contornos encontrados para sentenças de sujeito/predicado e tópico de sujeito. Cabe ainda ressaltar que para a autora o fenômeno da topicalização é uma estratégia de focalização, como veremos na seção sobre sintaxe.

Resumo

Pudemos acompanhar nesta seção o algoritmo de formação da estrutura prosódica, acima da palavra fonológica/grupo clítico, segundo a fonologia prosódica de Nespor & Vogel (1986). Também acompanhamos a reestruturação desses níveis. É importante frisar que apesar de “enxergar” o componente sintático, para a formação de cada um dos níveis, a reestruturação deles segue um caminho independente para as autoras.

É no modelo autosegmental e métrico descrito em Ladd (2008) e Gussenhoven (2004) que encontramos a metodologia e a explicação dos eventos tonais e contornos entoacionais. Nesse modelo a frequência fundamental é o correlato acústico mais evidente para a análise fonológica da melodia da fala. Os pontos mais importantes para termos em mente são:

- (i) a atribuição dos eventos tonais é realizada de modo relacional, ou seja, um tom é alto em relação a um baixo e assim por diante;
- (ii) existe uma associação entre tom e sílaba, mas não obrigatoriedade de alinhamento, sendo que aquelas proeminentes dentro das fronteiras prosódicas são as que tem maior possibilidade de associação e existe a possibilidade de associação de tom com fronteira;
- (iii) a curva de f_0 sofre um processo conhecido por declínio geral, que se traduz pelo gradativo abaixamento do valor de f_0 ;
- (iv) processos como *downstep* e *upstep* são conhecidos como, abaixamento com propósitos gramaticais, transição entre foco e pressuposição por exemplo, para o primeiro, e, alçamento também com propósitos gramaticais, ênfase em constituinte deslocado à direita da sentença, para o segundo;
- (v) línguas diferentes “escolhem” em qual domínio prosódico a associação dos eventos tonais será implementada.

Para o português, apresentamos os trabalhos de Frota & Vigário (2000), Tenani (2002), Fernandes (2007) e Orsini (2003). Vimos com Frota & Vigário que o PB, diferentemente do português europeu, possui maior alternância entre tons altos e baixos.

Tenani (2002) mostrou que o padrão das declarativas neutras em PB é composto uma alternância entre L e H sendo que os tons baixos são em sua maioria associados às sílabas proeminentes de cada frase fonológica.

Fernandes (2007) analisou sentenças com foco do PB mostrando que o padrão melódico do sujeito focalizado possui duas características:

- (i) quando apresenta um contorno L^*+H , encontrado também no contorno do sujeito das declarativas neutras, um acento frasal é observado associado à fronteira direita do ϕ do sujeito;
- (ii) quando o padrão é H^*+L , não há acento frasal associado à fronteira direita do ϕ do sujeito.

Além disso a autora argumenta que o restante da sentença não apresenta acentos tonais associados às palavras fonológicas dos ϕ 's intermediários.

Orsini (2003) buscou no NURC-RJ sentenças com diferentes tipos de tópicos para estabelecer a entoação característica de cada um deles. Porém, o que a autora encontrou foram três diferentes contornos que se distribuíam por diferentes tipos de construção:

- (i) o contorno $H^* L+H^* H\%$ foi encontrado em sujeitos de sentenças declarativas neutras;
- (ii) o contorno $H^* L+H^* L\%$ marcou os sintagmas que foram deslocados à esquerda e tópicos anacolutos, e;
- (iii) o contorno $L^* H^*+H H\%$ que foi o padrão encontrado para os tópicos contrastivos e alguns casos de topicalização de objeto.

Cabe lembrar que, para a autora, no PB a estratégia de topicalização pode veicular informação nova, ou seja, foco, também. E também que o PB está se tornando uma língua de proeminência de tópico, ainda na visão da autora.

Ainda para as estruturas de tópico, mostramos o trabalho de Frascarelli & Hinterhölzl (2007) que se debruçaram sobre o italiano e o alemão. Os autores identificaram três tipos de tópico, o tópico conversacional (*aboutness topic*), o contrastivo e o familiar. No italiano, todas essas construções podem ser retomadas por clíticos (*clitic left dislocated* – CLLD (CINQUE, 1990)), mas não em alemão. Assim, para o tópico conversacional, o padrão encontrado em italiano foi L^*+H , já em alemão, $L+H^*$. Para os contrastivos, o italiano apresentou o acento tonal H^* e o alemão apresentou o acento tonal L^*+H . Para os tópicos familiares do italiano e do alemão, os autores apontaram o acento tonal L^* . Este trabalho é importante para nos servir de guia em nossos próprios resultados.

2. Introdução ao quadro teórico sintático e análises sintáticas

Neste capítulo, apresentamos uma breve discussão da teoria sintática que embasa nosso estudo e também uma revisão de alguns trabalhos que serão importantes para nortear nossa análise. Assim, começaremos descrevendo o programa minimalista desenhado por Chomsky (1995 e trabalhos posteriores), discutiremos a hipótese do CP estendido de Rizzi (1997) e a periferia baixa de Belletti (2009), assim como os desenvolvimentos propostos por Frascarelli & Hinterhölzl (2007) e Frascarelli (2007) acerca das posições de tópicos. Nossa revisão das análises sintáticas absorve também os trabalhos de Modesto (1997), Bonorino (2005), Holmberg (2010) e Alvelar & Galves (2011), com vistas a estabelecer a estrutura da periferia esquerda com que trabalharemos.

2.1 O quadro minimalista

Considerando que a teoria de Princípios e Parâmetros (desenvolvida principalmente em Chomsky 1981, 1986) tenha sido bem sucedida por ter possibilitado a descrição de uma série de fenômenos linguísticos, em várias línguas, antes desconhecidos, Chomsky (1995) passa a advogar uma maior preocupação com a adequação explicativa da teoria.²⁷ O poder explicativo da teoria acaba perdendo fôlego por conta da enorme quantidade de fenômenos descritos em línguas variadas e a consequente proliferação de módulos sintáticos e conceitos teóricos (como o de governo, por exemplo) necessários para dar conta desses fenômenos. Com o intuito de “enxugar” o aparato teórico, Chomsky se propõe a repensar a arquitetura da gramática. Com isso, os níveis de representação estritamente sintáticos, estrutura profunda e superficial, são eliminados da derivação, junto com outros postulados e constructos teóricos.

Chomsky (1995), então, assume que existem apenas dois níveis de representação: a interface da sintaxe com o módulo articulatório-perceptual (A-P), historicamente denominada PF (do inglês *phonological form*), e a interface com o módulo conceitual-intensional (C-I), denominada LF (do inglês *logical form*). A derivação sintática, que parte de um arranjo lexical (*lexical array*) se divide em um momento (chamado *Spell-out*), enviando os traços fonológicos para PF, enquanto os outros traços (formais e semânticos) seguem a derivação rumo a LF. Uma das principais considerações de Chomsky no programa minimalista é a

²⁷ O balanço entre adequação descritiva e adequação explicativa, ou seja, o balanço entre descrever o que varia nas línguas humanas e explicar teoricamente essa variação numa perspectiva biológica da linguagem, tem sido uma preocupação de Chomsky desde, pelo menos, a década de 60.

noção de Interpretação Plena (FI de *full interpretation*). Chomsky assume que alguns traços não são interpretáveis em uma ou outra interface e que apenas os traços interpretáveis podem chegar a elas (esse é o princípio da interpretação plena). Os traços fonológicos da derivação precisam ser retirados por *Spell-out*, pois não são interpretáveis em LF; do mesmo modo, alguns traços formais devem ser deletados da derivação, pois não são interpretáveis em LF.

Dentre as questões que cercam a interpretação plena, Chomsky considera o que deve contar como um elemento legítimo (ou seja, interpretável) para as interfaces²⁸. Considerando a existência de cadeias formadas por movimento, o autor explica que um elemento legítimo é formado como em (1) abaixo, em que as várias ocorrências de α são cópias do mesmo elemento:

1) ($\alpha_1, \dots, \alpha_n$)

Para que este seja de fato um elemento interpretável nas interfaces, é necessário respeitar algumas condições:

Argumentos: que cada elemento esteja em uma posição argumental, α_1 marcada por Caso e, α_n marcada tematicamente;

Adjuntos: que cada elemento esteja em uma posição não-argumental;

Itens lexicais: que cada item esteja numa posição X^0 ;

Sintagmas: que cada sintagma ocupe uma posição XP (ou seja, frasal, e não de núcleo).

Construções de operadores-variáveis: que cada cadeia (α_1, α_2), em que o operador α_1 esteja em uma posição não-argumental e a variável α_2 esteja em uma posição argumental (Chomsky 1995; 153-154).

Chomsky acredita que as línguas são muito semelhantes (possivelmente idênticas) em LF, assim, as diferenças entre as línguas são propriedades de PF. Para o autor, um elemento legítimo de PF, π , deve satisfazer as condições de FI, como também é o caso de LF. No caso de um elemento não interpretável atingir uma das interfaces, a derivação fracassa ou

²⁸ Na verdade, Chomsky está tratando de LF apenas mas, como o próprio autor ressalta, podemos fazer estas mesmas alegações para PF. Assim sendo, estamos tratando aqui de elementos legítimos nas interfaces (cf. Capítulo 2).

aborta (em inglês, *crashes*), em outras palavras, uma derivação só converge caso todos os elementos sejam elementos legítimos e interpretáveis na interface correspondente.

Considerando os traços-V, presentes em T, Chomsky mostra que as diferenças entre inglês e francês (discutidas em Pollock 1989, entre outros) se encontram na checagem das propriedades morfológicas destas línguas. Em francês, o verbo deve ser alçado para o núcleo T antes de *spell out*, já em inglês ele só se move após *spell out*. A explicação, no modelo proposto em 1995, se encontra na força dos traços-V: enquanto francês tem traços-V fortes, o inglês tem traços-V fracos. Isso significa que em inglês os traços-V são invisíveis para PF, enquanto em francês não. Assim, as propriedades morfológicas do francês forçam a subida do verbo antes da derivação ser enviada para PF e LF, o que não ocorre em inglês.

Outra mudança adotada por Chomsky desde 1995 é a teoria de movimento por cópia, que possibilita a operação de reconstrução. O movimento sintático é visto, a partir de então, como sendo composto das regras de cópia e merge, o que caracteriza o merge interno. Como o item movido ocupa duas posições ao mesmo tempo, existe a opção de interpretar, em LF, esse constituinte na sua posição movida, ou na sua posição original, o que caracteriza a reconstrução. Em PF, caso o movimento aconteça antes de *spell out*, movimento aberto, uma das cópias deve ser apagada (geralmente, a cópia mais baixa, pelas razões expostas em Nunes 1994).

Chomsky postula que um dado item lexical tem três coleções de traços: (i) formais, [+nominal] por exemplo; (ii) fonológicos [começar com vogal], e; (iii) semânticos, [artefato]. Como mencionado anteriormente, a operação *spell out* retira da derivação os traços fonológicos, que não são interpretáveis em LF e os envia a PF.

Traços formais estão envolvidos em checagens de diferentes elementos. São na verdade, segundo Chomsky, esses traços que se movem de uma posição para outra. O material excedente que é carregado junto com os traços formais estão envolvidos em um *pied-piping* generalizado para a convergência da derivação. Não carregar esse “material extra” viola as condições de FI. PF é quem faz essa requisição, justamente porque a derivação não pode conter elementos não-legítimos nessa interface.

Em PF, a derivação sintática tem de ser linearizada, para possibilitar a externalização da língua. Chomsky se apoia nas ideias de Kayne (1994) do axioma de correspondência linear (LCA). Esse axioma determina que a ordem linear dos constituintes é dada através do comando assimétrico e que qualquer categoria que não possa ser ordenada de acordo com o axioma é barrada, ou seja, faz a derivação abortar. Chomsky apenas nota que prefere usar a noção de precedência linear ao termo usado por Kayne, ordenação linear. O LCA é o

responsável pelo apagamento das cópias que necessitem sofrer apagamento, pois um mesmo sintagma ou núcleo não pode preceder e seguir um outro elemento ao mesmo tempo. O LCA se aplica após ao componente morfológico.

C-comando pode ser definido como se segue:

2) X c-comanda Y se (a) todo Z que domina X também domina Y e (b) X e Y estão desconectados.

(CHOMSKY, 1995:85)

Essa configuração permite tanto c-comando simétrico quanto assimétrico. Estar desconectado significa que X é diferente de Y e nenhum domina o outro. Assim se X e Y são nós irmãos existe c-comando simétrico. Caso Y esteja contido no nó irmão de X, então X c-comanda assimetricamente Y. É com base também nessa noção que PF apaga traços e/ou cópias. As cópias mais baixas na cadeia de c-comando são aquelas que devem sofrer o apagamento (ver Nunes 1994).

Outro ponto que merece destaque é que para Chomsky, a operação de concatenação, *merge*, é mais econômica do que a operação de movimento, *copy + merge*. Assim sendo, mover um constituinte é sempre uma operação de último recurso, *last resort*, no sistema. Mesmo sendo uma opção de último recurso, mover é um “mal necessário” ao sistema, pois é deste modo que traços não interpretáveis de um constituinte podem ser checados. Em textos posteriores, Chomsky desvincula o movimento sintático da checagem de traços, postulando a operação *Agree* e atribui o movimento a um traço EPP, que tem gerado muita discussão entre teóricos. Não nos debruçaremos sobre esse tópico, pois nos levaria muito longe do nosso assunto principal.

2.2 A periferia esquerda

Um dos desenvolvimentos do programa minimalista chomskyano que será importante neste trabalho são os trabalhos cartográficos, que tentam pormenorizar a estrutura funcional das línguas naturais. Rizzi (1997), por exemplo, propõe que CP pode abrigar diferentes tipos de sintagmas, cada um com propriedades discursivas diferentes, desmembrando o núcleo C em diferentes núcleos, numa estrutura mais articulada. A articulação mais alta do complexo é encarregada da força ilocucional da sentença (ForceP), ou seja, se a sentença é declarativa, interrogativa, exclamativa e assim por diante, quando em

sentença raiz;²⁹ enquanto a projeção mais baixa desse grupo carregaria a informação sobre a finitude da sentença (FinP) e ligaria o complexo CP ao sistema flexional:

- 3) a. O João viu [_{ForceP} ... [_{FinP} [_{Fin} Ø] [_{TP} a Maria comer]]]
b. O João viu [_{ForceP} ... [_{FinP} [_{Fin} que] [_{TP} a Maria comeu]]]

Segundo Rizzi, o núcleo Fin seria ocupado pelo complementizador, em orações encaixadas; ou pela forma infinitiva do verbo, quando a posição fica em aberto. Entre essas projeções encontram-se as projeções da estrutura informacional da oração, como tópico e foco. Nas palavras do autor, a articulação tópico/comentário tem o tópico como

a preposed element characteristically set off from the rest of the clause by “comma intonation” and normally expressing old information, somehow available and salient in previous discourse.

(RIZZI, 1997: 285)

De acordo com o autor, o comentário é um predicado complexo que introduz informação nova sobre o tópico.³⁰ Já a articulação foco/pressuposição é diferente interpretativamente, no sentido de o elemento deslocado para a periferia esquerda da sentença conter informação nova, contendo acento focal. Enquanto o predicado apresenta informação partilhada pelo interlocutor. Mas a articulação foco/pressuposição é formalmente semelhante a de tópico/comentário, no sentido de existir um elemento deslocado na estrutura sintática. As propriedades das estruturas de tópico, segundo Rizzi, são:

- (i) não-quantificacionais;
- (ii) recursivas;
- (iii) possibilidade de co-ocorrência com sintagmas *wh*;
- (iv) não são fruto de movimento, quando as sentenças topicalizadas exibem pronome clítico na posição argumental.
- (v) existe um operador nulo na estrutura que permite a reconstrução do tópico na posição argumental.

²⁹ Como veremos, Modesto (1997) argumenta que o local em que o complementizador é alocado, é o núcleo ForceP, isso se dá por conta dos traços *wh* que precisam ser checados na posição de especificador dessa projeção.

³⁰ Entretanto, veja Zubizarreta 1998 para uma discussão mais detalhada sobre informação nova/velha nas estruturas de tópico-comentário.

Para as estruturas de foco as propriedades são inversas, ou seja:

- (i) quantificacionais;
- (ii) não-recursivas;
- (iii) sem possibilidade de co-ocorrência com sintagma *wh*; e,
- (iv) fruto de movimento, já que não é possível retomada anafórica com pronome lexical na posição argumental.³¹

Assim, para Rizzi, temos uma estrutura arbórea como apresentada abaixo:

Belletti (2009) argumenta que as mesmas projeções informacionais, tópico e foco, descritas em Rizzi (1997) para o complexo CP, são encontradas entre IP e vP. A autora se apoia em dados, principalmente do italiano, de inversão de ordem, de SVO para VSO ou VOS, e também de advérbios para advogar em favor dessa tese. Não é claro, para nós, se essas posições de tópico e foco baixo existem no PB.

2.3 Análises sintáticas

Nesta seção, veremos os trabalhos que versam sobre a sintaxe dos focos e tópicos em PB. Apresentaremos o trabalho de Bonorino (2005), que assume que as construções de foco são sempre geradas por movimento, enquanto as construções de tópico têm os tópicos gerados

³¹ Veremos com mais vagar essas propriedades quando discutirmos o texto de Modesto (1997) com testes para o PB.

já na posição deslocada. O trabalho de Modesto (1997), por sua vez, apresenta evidências de que tanto tópicos quanto focos podem ser fruto de movimento. Já Modesto (2008) argumenta que o PB é uma língua voltada para tópico, seguindo diversos trabalhos em PB segundo a classificação de Li & Thompson (1976). As evidências que o autor usa são de sentenças encaixadas com sujeito nulo em que a interpretação desse sujeito nulo varia de acordo com a estrutura projetada.

Em seguida, retomaremos alguns apontamentos de Frascarelli & Hinterhölzl (2007) para, em conjunto com o quadro montado por Frascarelli (2007), apresentar evidências de que uma derivação de tópicos gerados na base parece descrever melhor os fatos apresentados.

Por último, Avelar & Galves (2011) discutem o sistema de concordância verbal do Português Europeu e do PB com base na proposta de Holmberg (2005) em estruturas com tópicos. Os autores mostram que a (in)dependência dos traços- Φ pode fazer com que tenhamos uma discrepância no sistema de concordância das duas variedades do português, além de uma adequação ampliada dos fatos em PB em relação a geração na base.

2.3.1 Bonorino (2005)

Bonorino (2005: 58) defende um tratamento diferenciado para os tipos de fronteamento no PB. Bonorino (2005) define o termo *topicalização*, a partir dos trabalhos de Ross (1967), Chomsky (1977)³² e Rizzi (1997), como sendo uma operação que move um constituinte para a periferia esquerda e assim estabelece uma predicação (Rizzi, 1997). Deste modo, deslocamento à esquerda é a construção em que não existe movimento de constituinte.

A ideia é isolar as propriedades de diferentes constituintes fronteados, sendo o interesse principal da autora o fronteamento do sujeito. Na hipótese da autora, o termo *topicalização*, quando tratado com relação ao sujeito, quer na verdade fazer referência à estrutura de foco, enquanto à estrutura tópico/comentário só pode ser atingida através da operação de deslocamento à esquerda. O exemplo abaixo, ilustra o tipo de estruturas que a autora quer esclarecer:

- 4) A Joana telefonou.
a. [_{IP} A Joana telefonou].

S(...)V
S-V

³² Na época dos trabalhos de Ross (1967) e Chomsky (1977), ainda no modelo transformacional da gramática, qualquer deslocamento para a esquerda da sentença era chamado pelos autores de *topicalização*. Com o avançar da teoria o termo *topicalização* ganhou a especificidade que possui hoje. Bonorino, então, retoma esse sentido inicial do termo *topicalização* para desenvolver seu trabalho.

- b. [A Joana_i], cv_i telefonou. [S]-cv-V
 c. [A JOANA_i] cv_i telefonou. (não a Maria) [S]-cv-V
 d. [A JOANA_i] ela_i telefonou. [S]-cv-V
 (BONORINO, 2005: 103)

Procurando uma solução para o problema da ambiguidade apresentada nos exemplos acima e tendo em mente as construções de deslocamento à esquerda como estrutura de topicalização preferencial para a posição sujeito, Bonorino (2005: 49) levanta três hipóteses:

- (i): a construção inequívoca de tópico é DE, por deixar visível a movimentação do sujeito para uma posição periférica ; enquanto a veiculação de foco fica a cargo da topicalização
- (ii): DE encontra respaldo: no aumento de frequência³³;
- (iii): não é possível dar o mesmo tratamento para todos os tipos de constituintes fronteados (estatuto da cv ou do pronome vinculado).

A autora defende que cada em construção, topicalização (foco/pressuposição), deslocamento à esquerda (tópico/comentário) ou sujeito canônico, o sujeito ocupe uma projeção diferente. Para sustentar essa afirmação, Bonorino (2005: 38) aponta para as conclusões de Rizzi (1997) (cf. p. 42) com respeito às propriedades apresentadas pelas construções que põem em jogo a projeção TopP (a construção de deslocamento à esquerda) ou a projeção FocP (a construção que a autora chama de topicalização). As propriedades segundo ela são:

- i. tópico/comentário *versus* foco/pressuposição: diferença semântica;
- ii. foco quantificacional, tópico não;
- iii. foco vincula uma cv do tipo variável (vbl), tópico vincula um *pro*;
- iv. foco incompatível com quantificadores, tópico são compatíveis;
- v. foco sofre efeitos de cruzamento fraco (*wco*), tópico não;
- vi. foco é incompatível com sintagmas *wh*, pois concorrem pela mesma posição, tópico pode ocorrer, pois estão em diferentes posições.

³³ Duarte (1995) realizou um estudo sociolinguístico que aponta uma mudança em tempo aparente em favor das construções de DE sobre o fronteamto de sujeito sem retomada pronominal. A análise da autora propõe que o preenchimento da posição com um pronome pleno vem se implementando na língua e já faz parte do sistema linguístico do PB.

Bonorino (2005: 9), retomando o modelo de Cardinaletti (1996), acredita que todas as línguas possuem como estrutura básica a seguinte configuração:³⁴

- a) TOPP é uma projeção periférica ao complexo IP que abriga elementos fronteados, também chamados de *tópicos frasais*;
- b) Agr1P é a projeção mais externa de IP, responsável pelo pouso de elementos referencialmente fortes, conhecidos como *tópicos sintáticos*;
- c) Agr2P recebe elementos referencialmente fracos, categorias vazias e está abaixo de Agr1 P, logo acima de TP.

Em Agr2P, a checagem de traços, que disparam a concordância por exemplo, é realizada e é o lugar onde encontramos o sujeito sintático do enunciado. Cardinaletti (1996) propõe que a classe de pronomes fracos, nas línguas germânicas, ocupa Agr2P. Isso acontece por que, nesta posição, esses pronomes demonstram um comportamento de projeção máxima, como os pronomes tônicos. Porém, os pronomes fracos não ocorrem em posição pós-verbal, e não aceitam elementos entre eles e o verbo. Esse fato gera uma diferença com o que acontece com DP's plenos e pronomes fortes. Com essas características é impossível frontear um elemento na posição Agr2P, aparecendo nela um elemento (pronome fraco) que retoma um constituinte na periferia esquerda.

Tendo em mente essas propriedades e somando as conclusões de Rizzi (1997) (cf. p. 42 e 46), a autora afirma que a *topicalização* é a expressão de foco no PB, ou seja, ocupa uma das projeções quantificacionais da estrutura CP. E que o deslocamento à esquerda é então a forma de veicular a estrutura de tópico/comentário.³⁵

Para as estruturas de fronteamto do sujeito sem retomada pronominal, Bonorino (2005: 19) se vale das propriedades descritas por Ross (1967) e Chomsky (1977). Na formulação de Ross (1967), a *topicalização* sofre restrições de SN do tipo complexo, estrutura coordenada e sujeito sentencial.³⁶ Chomsky (1977) afirma que a *topicalização* é sensível a ilhas, incompatível com movimento de constituintes *wh* e não recursivas.

³⁴ A hipótese de Cardinaletti, na verdade, diz que toda língua de sujeito nulo, tem nas sentenças um sujeito nulo, e que quando um sujeito parece estar presente na sentença, ele está topicalizado, podendo inclusive ocorrer antes de sintagmas interrogativos.

³⁵ Veremos mais adiante, no trabalho de Modesto (2007), que tópicos podem ser fruto de movimento. Todavia, Frascarelli (2000) argumenta a favor da tese de que todo tópico deve ser gerado na base.

³⁶ Essas restrições são conhecidas como ilhas e podem ser definidas grosseiramente como: (i) restrição do SN complexo diz que nenhum constituinte pode ser extraído de dentro desse SN; (ii) a restrição de estrutura coordenada diz que nada pode ser movido para fora de uma estrutura de coordenação; e, (iii) a restrição de

Bonorino (2005) concorda com Mioto (2001), para quem *topicalização* no PB possui um operador nulo que conecta a categoria vazia ao elemento fronteado que não pode ser quantificado e nem retomado pronominalmente. Estas construções com operador nulo estariam em complementaridade com aquelas em que um clítico aparece na posição de base, para línguas que dispõem destes elementos num sistema completo, o que não é o caso do PB, em que então aparece a *NCLD* (null constant left dislocated).

O deslocamento à esquerda, diferentemente da *topicalização*, é recursivo, pode co-ocorrer com movimento de *wh*, é compatível com quantificadores. Mas é importante ressaltar que frontear um constituinte por DE havendo um quantificador na estrutura, embora possível, o quantificador não pode atuar sobre o constituinte fronteado.

5) A Maria, quantos meninos ela viu?

Não sendo fruto de movimento, no caso dos objetos, o tópico poderia ser retomado por um *pro* na posição argumental encarregado da checagem de traços. Mas, ao contrário do “que verificamos para o objeto, uma categoria vazia sujeito parece não recuperar o tópico, aparecendo então o pronome lexical”, como ressalta Galves (1984: 121).

A nomenclatura parece confusa até então. Topicalização é responsável pela expressão de foco, mas também é usada para tópicos. Tópico é marcado com deslocamento à esquerda, sendo que esse nome remete à movimento em uma construção de geração na base. Talvez seja mais interessante tratar de estruturas com foco de focalização e reservar topicalização para tópicos, com ou sem movimento.

2.3.2 Modesto (1997)

Modesto (1997) apresenta uma análise de sentenças contendo tópicos e focos em PB argumentando que ambas as estruturas podem ser fruto de movimento ou geradas na base.³⁷ Para tanto, ele apresenta uma série de testes sintáticos de reconstrução em que efeitos de minimalidade evidenciam a estrutura sintática subjacente.

sujeito sentencial diz que uma sentença que seja sujeito de outra sentença não pode ter um constituinte movido para fora da mesma.

³⁷ Como veremos, Modesto afirma que apenas em construções de ilha o foco parece poder ser gerado já na posição deslocada, numa tentativa de salvar a derivação.

As diferenças entre topicalização e deslocamento à esquerda advêm do fato que a primeira é fruto de movimento, tal qual a estrutura de foco, e a segunda gerada na base com um pronome, lexical ou nulo, na posição argumental.

Chomsky (1977: 81) afirma que DE é uma construção gerada na base, e não fruto de movimento como se pensava. O maior argumento para a geração na base tem a ver com o fato de haver retomada pronominal:

6) [CP [C [TopP A Maria [FocP quem [topP ...[AgrP ela encontrou ontem?

Modesto (1997:4) argumenta que, diferentemente do italiano, o PB não possui clíticos para retomada de tópicos ou de constituintes deslocados à esquerda, mas na verdade admite um pronome nulo quando esse constituinte topicalizado ou deslocado é o objeto:

7) Il tuo libro, lo ho letto.
O teu livro, eu li.

8) O teu livro, (eu acho que) você devia dar ___ pra Maria. (não pra Jane)
a. O teu livro, [OP [(eu acho que) você devia dar *t* pra Maria]]
b. O teu livro, [(eu acho que) você devia dar *pro* pra Maria]
(adaptado MODESTO 1997:4)

(8) mostra a ambiguidade estrutural apresentada pelo autor para a sentença (7), (8a) tem um vestígio, sendo o tópico, então, movido para a periferia esquerda; já (8b) tem uma categoria vazia do tipo pronominal, fazendo com que o tópico seja concatenado já na periferia esquerda. O movimento de um constituinte *wh* é impossível, segundo o autor, em contextos de ilha forte, portanto, argumenta, quando uma ilha forte separa o sintagma fronteado de sua posição argumental, apenas a estrutura (8b) é possível:

9) a. ?(Eu acho que) o Pedro, eu conheço uma mulher que viu ___ na festa.
*Quem você conhece uma mulher que viu *t* na festa?
b. ?(Eu acho que) filmes de arte, ver eles no vídeo é perda de tempo.
*O que ver no vídeo é perda de tempo?
c. ?(Eu acho que) o Pedro, a festa acabou antes que ___ tivesse chegado.
*Quem a festa acabou antes que tivesse chegado?
d. ?(Eu acho que) filmes de arte, ver eles no vídeo já é perda de tempo.
e. *?O que ver no vídeo já é perda de tempo?
(adaptado MODESTO 1997:4-5)

As sentenças em que o foco é movido para a periferia esquerda não podem apresentar um pronome retomando o constituinte movido. Mas quando esse mesmo constituinte é movido de dentro de uma ilha, segundo Modesto, as sentenças são menos aceitáveis sem o mesmo pronome:³⁸

- 10) a. O LUIZ, eu vi ___ ontem
b. *O LUIZ, eu vi ele ontem.
c. O LUIZ, eu conheço uma mulher que viu ele ontem.
d. ?O LUIZ, eu conheço uma mulher que viu ___ ontem.
(adaptado MODESTO 1997:8-9)

Outro ponto notado por Modesto (1997) é que em PB sempre podemos ter um elemento *wh* seguido por um complementizador, e ele argumenta (*op. cit.*, p. 21) que essa possibilidade mostra que na verdade um constituinte interrogativo tem sua posição final em *spec,ForceP* e não em *FocP*, posição em que apenas checa o traço [+F] de foco. Com isso em mente, o autor também nota que um tipo especial de tópico pode ser gerado na base à esquerda do *wh*, o *hanging topic*, uma vez que é possível observarmos uma sentença como (11), abaixo:

- 11) O João, o que que a Maria deu pra ele?

Resumindo, para Modesto, quando um foco é gerado fora da posição argumental dentro de uma ilha forte, ele só pode vincular um pronome pleno. Já para os tópicos, além da estrutura derivada de movimento, o autor argumenta que há também a construção com deslocamento à esquerda retomada por pronome pleno ou nulo em PB.

2.3.3 Modesto (2008)

Modesto (2008) argumenta a favor da hipótese de que o PB, o chinês e o finlandês são línguas de proeminência de tópico para explicar a ocorrência de sujeitos nulos, em especial em sentenças encaixadas. O autor salienta que pronominais nulos em posição de sujeito não são permitidos em línguas que não possuem um sistema de concordância rico.

³⁸ Modesto (c.p.) afirma que essas sentenças são mais aceitáveis, por que o resumptivo seria um modo de salvar derivações com foco movidos de ilhas e que esse fenômeno seria observável em línguas variadas.

Mas que, nessas línguas em questão, argumentos nulos são variáveis presas por um antecedente (ex. (4) p. 380 de Modesto 2008):

- 12) a. O Feco₁ convenceu a Dani₂ que e_{1/*2/*3} ganhou o campeonato.
b. O Feco₁ avisou a Dani₂ que e_{1/*2/*3} vai ganhar.

É importante notar que o argumento interno do verbo matriz não pode ser tomado como um antecedente possível nesse caso. Modesto aponta ainda que o fato de ‘convencer’ ser um verbo de controle não influencia na identificação da categoria vazia, como mostra o exemplo abaixo:

- 13) O Pedro₁ convenceu a Maria₂ a PRO*_{1/2} trazer torta.

Outro ponto levantado pelo autor mostra que quando existe movimento na sentença as possibilidades de ser antecedente da categoria vazia são alteradas. Quando temos uma estrutura com pronome interrogativo ou relativas ou ainda clivadas, o argumento deslocado passa a ser o único antecedente possível:

- 14) a. Quem₂ o Pedro₁ convenceu que e*_{1/2} precisa trabalhar até mais tarde?
b. A moça₂ que o Pedro₁ avisou que e*_{1/2} precisa trabalhar até mais tarde já chegou.
c. Foi a Maria₂ que o Pedro₁ avisou que e*_{1/2} precisa trabalhar mais.

O fato de apenas o argumento deslocado ser um antecedente possível indica, segundo o autor, que tópicos são ora gerados na posição de base, ora fruto de movimento. Temos, assim, uma ambiguidade estrutural, porque nesses casos em questão tanto o tópico quanto o sujeito são antecedentes possíveis para a categoria vazia:

- 15) a. A Maria₂, o Pedro₁ avisou que e_{1/2} ganhou o campeonato.
b. A Maria₂, o Pedro₁ convenceu que e_{1/2} ganhou o campeonato.

Os sujeitos nulos, para o autor, são um conjunto de traços- ϕ não referenciais em uma projeção funcional chamada FP.³⁹ Em línguas com sistema de concordância “rico”, o sujeito nulo tem sua referência estabelecida porque o núcleo T contém um traço D (segundo Holmberg 2005), e desse modo o sujeito nulo se comporta como um pronome aberto. Já em PB, e em outras línguas com um sistema de concordância “pobre”, T é desprovido do traço D, e esse mesmo sujeito nulo é interpretado como uma variável só podendo ser ligada por uma outra posição não argumental preenchida por um possível antecedente.

Não é sempre o caso de o sujeito da matriz ser movido para a posição A-barra usada pelo autor. Modesto (2008 cf. seção 4.3 do autor) aponta que um constituinte movido pode checar o EPP da projeção F e assim se tornar o antecedente do sujeito nulo da encaixada (cf. exemplos em (14), acima). No entanto, um tópico gerado na base não estabelece a mesma relação. Com EPP dessa projeção F livre para checar caso com o sujeito da sentença matriz, o sujeito nulo da encaixada acaba com dois antecedentes possíveis, e assim, a sentença permanece ambígua (cf. exemplo (15), acima). O ponto crucial é que o PB, segundo o autor possui duas posições de tópico, um tópico gramatical, projetado por FP e um tópico sentencial no complexo CP.⁴⁰ Cabe salientar que quando o tópico sentencial é fruto de movimento ele checa EPP no FP da matriz, porém quando gerado na base, é o sujeito da sentença matriz que deve ocupar a posição de tópico gramatical:

16) A Maria₂, o Pedro₁ avisou que e_{1/2} ganhou o campeonato.

a. [TopP *A Maria₂* [FP *t₂* [TP *o Pedro₁ avisou t₂* [CP *que* [FP *e₂* [TP *t₂ ganhou o campeonato*]]]]]]

b. [TopP *A Maria₂* [FP *o Pedro₁* [TP *t₁ avisou e₂* [CP *que* [FP *e₁* [TP *t₁ ganhou o campeonato*]]]]]]

É possível notar que a estrutura em (16a) tem o tópico movido, o que impede a subida do sujeito e assim a categoria vazia é ligada ao tópico. Já (16b), por outro lado, tem o tópico gerado na base e, portanto, o sujeito se move para FP, satisfazendo o EPP da projeção, e se ligando ao sujeito nulo.

³⁹ Modesto (2008) segue a proposta de Holmberg (2005). Já a projeção funcional que abriga esse sujeito nulo fica, segundo a proposta de Holmberg, dentro de TP seguindo Uriagereka (1995), os detalhes relevantes serão discutidos conforme a necessidade.

⁴⁰ Essa é essencialmente a mesma proposta de Cardinalletti 1996, citadacitado acima, que postula um tópico sintático e um tópico frasal.

2.3.4 Frascarelli & Hinterhölzl (2007) e Frascarelli (2000)

Conforme dito na seção 1.3.3 do nosso trabalho, Frascarelli & Hinterhölzl (2007) descreveram três tipos de tópicos em italiano e alemão, a saber:

- Tópico conversacional (*aboutness topic*): informação que é o tema da sentença (REINHART, 1981);
- Tópico contrastivo: constituinte quer cria um par opositivo a outro tópico (CHAFE, 1987)
- Tópico familiar: constituinte acessível, geralmente realizado em uma forma pronominal (PESETSKY, 1987).

Cada um desses tópicos é alçado em uma projeção própria no sistema CP, cf. 36 repetido abaixo:

17) [ShiftP [+aboutness] [ContP [FocP [FamP+ [FinP [TP...]]]]]]]

Frascarelli (2000) defende a geração na base para os tópicos. A autora argumenta que não existe motivação para movimento de topicalização no programa minimalista, que um tópico deve sempre estar em uma posição extrasentencial e que não podem aparecer *in situ*, como acontece com constituintes focalizados. Frascarelli também sustenta que seria difícil explicar a checagem de um mesmo traço repetidamente. Além disso, a checagem um traço de tópico deveria ser realizada em sintaxe aberta e, com poucas exceções, não existe um núcleo lexical que preencha o núcleo da projeção de tópico. Adicionalmente, não existe realização *in situ* deste traço de tópico.⁴¹

A proposta da autora é que os tópicos são inseridos diretamente em *Spell out*, ou seja, os tópicos não fazem parte da estrutura argumental da derivação. A interpretação de um tópico é realizada em LF via relações de ligação com pronome nulo ou clítico (ex. 159 de FRASCARELLI 2000 p. 139):

19) [CP [TOPP Tópico [FP [AgrSP cl_i/ [e]_i]]]]

⁴¹ Frascarelli (2000: 187 nota 61) afirma que algumas poucas línguas marcam tópicos morfológicamente, mas esse fato não embasaria uma análise de checagem de traços.

Com esse sistema, a autora diferencia várias propriedades de tópicos e focos, por exemplo a razão de podermos ter topicalização múltipla mas não focalização múltipla, ou ainda porque existe efeito de minimalidade quando um foco precede um tópico e também porque um tópico parece formar uma frase entoacional sozinho enquanto o foco parece estar dentro do mesmo I da sentença.

De modo diferente, Holmberg (2010) que é uma diferença em T que explica porque algumas línguas projetam tópicos e outras projetam sujeitos. Veremos essa possibilidade na próxima seção.

2.3.5 Holmberg (2010)

Holmberg (2010) argumenta que as diferenças entre tipos de sujeito nulo podem estar relacionadas com diferenças paramétricas em T em relação ao modo de valoração dos traços- ϕ .⁴² O autor se apoia na ideia de Chomsky (2008) que afirma que T “herda” os traços- ϕ do complexo C quando C entra na derivação.

Essa propriedade é importante pois faz com que Holmberg postule a independência dos traços- ϕ em línguas chamadas de concordância rica. Nessas línguas, o movimento do verbo para T já é capaz de valorar os traços não-interpretáveis de T e, portanto, a presença de um especificador em T não é necessária, ao contrário de línguas como o inglês, em que o movimento do sujeito para Spec, T é necessário para checar os traços de T.⁴³

Aparentemente, existe uma relação entre os tópicos conversacionais (*Aboutness-topic*) e o licenciamento dos sujeitos nulos, em italiano, pelo menos. Em línguas de sujeito nulo pleno, como o italiano, o autor propõe um traço D(efinitude) em T, que faz os traços de concordância funcionarem como um pronome fraco, ligado pelo tópico conversacional. Por outro lado, línguas de sujeito nulo parcial, como o PB e o finlandês, não possuem esse traço D em T, o que dispara uma interpretação de um sujeito nulo genérico quando o sujeito não se move para Spec,T, mas outro constituinte ocupa a posição. Quando o sujeito nulo se move, satisfazendo o EPP, o sujeito, então, é definido e tem a interpretação ligada a um antecedente:

⁴² Para Chomsky (2008) C possui dois tipos de traços: os traços- ϕ , de concordância, e EF, traços de borda, disponíveis aos itens lexicais de imediato. Os traços- ϕ são herdados por T enquanto EF atraem sintagmas, como *whs*, para a borda da fase.

⁴³ Como será mostrado na próxima seção Avelar & Galves tomam essa diferença na valoração dos traços- ϕ para afirmar que SpecT é uma posição A-barrada. Desse modo um número maior de constituintes podem ocupar a posição.

- 20) a. A Maria me disse que na fazenda planta batata.
 b. A Maria me disse que $\emptyset$ planta batata na fazenda.

É interessante notar que em (20a) a interpretação genérica é favorecida, já (20b) apenas a interpretação definida é possível (como discutido em Modesto 2008). A falta do traço D desempenha um papel bastante importante nessas interpretações. Quando existe uma co-referência entre o sujeito nulo e um argumento mais alto (caso de 20b), não há incorporação dos traços- ϕ do sujeito nulo em T e o sujeito nulo ocupa efetivamente Spec,T. Já no caso de (20a), o autor argumenta que Spec,T está livre por T ter incorporado os traços- ϕ (cf. Holmberg 2010: 102):

- 21) a. [_{CP} que [_{TP} na fazenda [_{T'} planta+T_{3SG}, ~~EPP~~ [_{VP} ϕ P_{3SG} <planta> batata <na fazenda>]]]]]
 b. A Maria₁... [_{CP} que [_{TP} uDP [_{T'} planta+T_{3SG}, ~~EPP~~ [_{VP} <uDP_{3SG} > batata na fazenda]]]]]

Holmberg (2010) explica que uDP (21b) é um sujeito nulo com o traço D defectivo e que obtém sua valoração através da co-indexação com um argumento mais alto. Já em (21a) Spec,T funciona como uma posição A-barra que admite o pouso de um constituinte sem valoração dos traços- ϕ e que apenas satisfaz o EPP de T.

Na próxima seção veremos como Avelar & Galvez (2011) se apoiam nessa análise para argumentar em favor da tese de que o PB é uma língua orientada para tópico.

2.3.6 Avelar & Galves (2011)

O trabalho de Avelar & Galves (2011) discute as diferenças no sistema de concordância verbal com tópicos no PE e no PB com o objetivo de reforçar a visão de que o PB é uma língua de proeminência de tópico. Os autores analisam os dados sob a luz da teoria desenvolvida em Chomsky (2008)⁴⁴ e da classificação estabelecida por Holmberg (2010), como vimos na seção anterior. Dentro desse quadro, os traços- ϕ podem ser dependentes de T ou independentes.⁴⁵

⁴⁴ Chomsky (2008) argumenta que T e V não são fases. Assim não possuem traços- ϕ , mas os herdam quando C e v entram na derivação. O argumento dele é de que se T possuísse traços- ϕ dispararia movimento de um *wh* para a borda da fase e assim a sonda de T não estaria ativa para buscar o sujeito de uma sentença como “Quem o Pedro viu?”, estabelecendo concordância com o *wh* complemento.

⁴⁵ Essa análise é empregada por Anagnostopoulou e Alexiadou (1998) para os verbos do italiano e do grego.

A dependência, ou independência, dos traços- ϕ em T resulta numa condição especial para o EPP dessa projeção, ou seja, quando dependente, a posição de especificador deve ser projetada no momento da concatenação do complexo C, depois que T herde os traços- ϕ ; já quando independente, SpecT é projetada no momento em que T entra na estrutura e a valoração dos traços- ϕ deve ser realizada imediatamente (cf. Holmberg 2010 em especial seções 5 e 6 e resenhada na seção 2.2.4 deste trabalho). Considere os exemplos abaixo (ex. (1-4) de Avelar & Galves 2011 p.49):

- 22) a. Os carros furaram o pneu
b. Os carros, furou o pneu.
- 23) a. As minhas duas árvores apodreceram a raiz.
b. As minhas duas árvores, apodreceu a raiz.
- 24) a. As minhas pernas racharam a pele.
b. As minhas pernas, rachou a pele.
- 25) a. Essas casas batem muito/imenso sol.
b. Essas casas, bate muito/imenso sol.

Em todos os pares de exemplos em (22-25), acima, as sentenças em (a) são gramaticais em PB mas não em PE. Já as sentenças em (b) são aceitáveis em ambas as variedades do português. A diferença entre as duas variedades estaria na (in)dependência dos traços- ϕ , ou seja enquanto o PB tem os traços- ϕ independentes, o PE tem os mesmos traços dependentes. Isso significa dizer que em PE, Spec,T só é projetada após o complexo CP ser concatenada. Em PB, ao contrário, os traços- ϕ são dependentes e Spec,T é projetada no momento em que T é concatenada. Disso resulta, segundo os autores, que em PB é possível alçar um constituinte não argumental para Spec,T estabelecendo uma relação de *Agree* com T, daí a conclusão que em PB, essa posição, SpecT, é A-barra. Em PE, isso é impossível, uma vez que o movimento para essa posição só é possível por conta da ação dos traços- ϕ herdados de C. Considere a derivação de (21a), abaixo:

- 26) a. [TP [T_{u ϕ} [vP [v furar] [DP o pneu [DP _{ϕ 3pl} os carros]]]]]
b. [TP[DP os carros]_i [T' [T furaram]_j [vP t_i t_j ...]]]]

Em PB, essa é uma derivação possível, mas em PE ela fracassa principalmente porque em (26a) SpecT não poderia estar projetada. Como os traços- ϕ são intrínsecos de T a sonda

busca um alvo com traços não valorados e o [DP o pneu] não está mais ativo por ser objeto de furar, enquanto o [DP_{φ3pl} os carros] ainda não teve seus traços valorados. Como resultado dessa sondagem, [DP_{φ3pl} os carros] é movido para Spec,T antes de C entrar na derivação (26b). Para a sentença (21b) a derivação poderia ser:

- 27) a. [TP [T_{uφ} [vP [v furar] [DP o pneu]]]]
 b. [TP pro_{expl.} [T' [T furou]_j [vP t_j [DP o pneu]]]]]
 c. [CP [DP os carros] [TP pro_{expl.} [T' [T furou]_j [vP t_j [DP o pneu]]]]]]

(26) tem os mesmo passos da derivação em (25), porém [DP os carros] está em posição de tópico e um *pro* expletivo ocupa a posição Spec,T. O ponto crucial aqui parece ser que Spec,T é uma posição A-barra em PB por aceitar um constituinte que em princípio não poderia figurar naquela posição (cf. ex. 25).

Resumo

Vimos em Chomsky (1995) as premissas do modelo que vem guiando nossa empreitada e é importante reter a noção de c-comando, em especial o assimétrico. Também vimos que a condição de interpretação plena nas interfaces deve ser respeitada para que tenhamos derivações legítimas e objetos sintáticos que possam ser “lidos” nas interfaces. Do modelo de Rizzi (1997) e Frascarelli (2000) e Frascarelli & Hinterhölzl (2007), precisamos reter as propriedades das construções de topicalização e de focalização, bem como a ordenação das projeções em que cada tipo de construção é associada.

O ponto crucial das análises sintáticas para o PB mostram que não temos um consenso na literatura sobre como cada uma delas se comporta em relação as outras e se as construções de tópico são fruto de movimento ou geradas na base. Podemos observar isso comparando a descrição realizada em Modesto (1997), para quem tanto as estrutura de tópico quanto de foco podem ser geradas na base ou fruto de movimento, com Bonorino (2005), que defende que as estruturas de deslocamento à esquerda são de fato as expressões de tópico, deixando a topicalização, ou seja estruturas com movimento, sendo a expressão de foco.

Mas a pergunta que fica é: será possível que o tópico familiar deles, seja equivalente à projeção FP de Holmberg (2010) usada por Modesto?

Contudo, excluir a opção de movimento em favor da geração na base, como propõe Frascarelli (2000), que tem argumentos fortes para tal, não parece exatamente correto, principalmente pelos dados mostrados em Modesto (2008) sobre a interpretação de sujeitos nulos encaixados.

Uma pergunta decorrente disso é: seria possível estabelecer as diferentes ligações de um sujeito nulo, como nos dados apresentados por Modesto, somente com a geração na base?

É possível que a prosódia do PB nem sempre separe os tópicos em frases entoacionais sozinhos, como faz com parentéticas por exemplo, mas que alguns tipos de tópico tenham um comportamento mais próximo de constituintes focalizados, que certamente estão dentro do mesmo I da sentença. A (in)dependência dos traços- ϕ em T são um caminho para explicar a concordância, ou falta de concordância, entre certos tópicos e o verbo.

De novo a proposta de Frascarelli traz problemas que levantam questões: se a geração na base é de fato uma explicação mais acurada dos fatos, como realizar a valoração dos traços- ϕ , e assim estabelecer concordância, nas sentenças apresentadas por Avelar & Galvez? O enfraquecimento do sistema de concordância verbal, mesmo em sujeitos canônicos, no PB falado, seria uma evidência de que o PB é uma língua de tópico e que não existe movimento desses constituintes?

3. Aspectos técnicos dos dados e metodologia

Para a conclusão desta tese, 60 participantes de nível superior entre 18 e 50 anos de idade colaboraram com as gravações. As entrevistas selecionadas tiveram o áudio retirado com taxa de amostragem em 44.000 Hz e 32 bits de faixa de amostragem. Os informantes foram convidados a ler 12 parágrafos contendo as sentenças alvo.⁴⁶

Obtivemos assim um total de 1500 dados, desse total 298 foram descartados, restando 1202 dados. O *software* PRAAT versão 5.3.47 foi utilizado na análise. A análise estatística foi realizada no RStudio versão 0.98.1103.

Os dados foram tratados da seguinte maneira: (i) todas as sentenças alvo foram primeiramente segmentadas dos contextos; (ii) após a segmentação, extraímos os valores de $F0$ de cada uma das produções e observamos a máxima, a mínima e a média; (iii) repetimos este passo com cada uma das locuções desta vez selecionando apenas os tópicos, sendo que estes valores auxiliaram na configuração dos parâmetros da janela de ajuste de $F0$ e na determinação de tons altos e baixos⁴⁷; (iv) casos de proximidade da média ou de alteração brusca no comportamento de $F0$, que não ultrapassassem a média, foram tratados de acordo com a percepção do avaliador; (v) pausas e efeitos microprosódicos foram tratados de acordo com a percepção do avaliador; (vi) os dados foram rotulados de acordo com a teoria descrita no capítulo 2 desta tese.

Após a análise no PRAAT, empreendemos a etapa estatística realizando em todo o conjunto de dados um teste de relevância de Pearson e de Fischer com X-quadrado. Então análises de sumarização e de correlação foram testadas com o objetivo de avaliar o impacto de cada variável no conjunto total dos dados.

3.1 Objetivos e hipóteses

A leitura do trabalho de Frascarelli & Hinterhölzl (2007) mostrou que alemão e italiano tem comportamentos distintos no tratamento dos três diferentes tipos de tópicos, tanto entre os tópicos quanto entre as línguas. Assim, assumimos que em PB o mesmo acontece, ou seja, cada um dos tópicos, indiferente da posição linear em que apareça na sentença, tem um comportamento distinto dos demais. Além disso, é muito provável que o PB se diferencie

⁴⁶ Os parágrafos contendo as sentenças alvo estão no anexo da tese e serão utilizados conforme a necessidade no texto.

⁴⁷ Estas funções estão disponíveis na janela de análise do PRAAT na barra de ferramentas sob o título *PITCH*.

tanto do italiano quanto do alemão no que se refere à prosódia que cada tipo de tópico apresenta.

Fernandes (2009) mostrou que a focalização de sujeitos em PB tem padrões melódico bastante consistentes e que assim permitem um estudo comparativo com as demais estruturas de fronteamto.

Orsini (2003) argumentou que existem diferentes prosódias para diferentes tipos de tópicos em PB, mas que essa distribuição não é categórica como se imaginava. Contudo, podemos ver uma distribuição bastante regular de contorno entoacional com tipo de topicalização. Cabe lembrar que para Orsini (2003) e para Bonorino (2005) topicalização é uma expressão de foco.⁴⁸ Modesto (2008), por outro lado, advoga em favor das duas possibilidades para tópicos, ou seja, geração na base e movimento, devido a ausência de um fator determinante na sintaxe.

Dada esta grande hipótese, esperamos encontrar padrões distintos para cada tipo de tópico e também diferenças entre as línguas estudadas em Frascarelli & Hinterhölzl (2007). Assim, o objetivo principal é determinar o padrão entoacional de cada tópico em PB e depois verificar se o padrão do PB é diferente tanto do italiano quanto do alemão. Assim, também esperamos poder apontar, dentro dos estudos sintáticos, uma luz sobre a discussão entre geração na base e movimento nos tópicos em PB. Sobre esse assunto as seguintes hipóteses podem ser levantadas:

- (i) caso o tópico familiar, quando objeto, tenha uma entoação parecida com a do sujeito canônico na ordenação SVO, é provável que essa ordenação favoreça a leitura de tópico-sujeito;
- (ii) caso o *aboutness topic* apresente uma entoação similar a de sintagmas focalizados é provável que Modesto (2008) esteja correto sobre a possibilidade de movimento do tópico para a periferia esquerda;
- (iii) o tópico contrastivo deve ter um padrão único e diferente dos dois outros tipos de tópico;

No próximo capítulo apresentamos os resultados das análises e uma discussão dos dados. No capítulo V as conclusões de nosso trabalho.

⁴⁸ Topicalização, para estas autoras, seria uma construção que envolve movimento e exclusiva para veiculação de foco. Os tópicos, por sua vez seriam todos gerados na base.

4: Resultados e discussão dos dados

4. Resultados Gerais

Conforme apresentado anteriormente, o experimento consistia de 12 parágrafos contendo as sentenças alvo. As sentenças foram divididas por tipos de tópico com base no trabalho de Frascarelli (2000) e Frascarelli & Hinterhölzl (2007) já apresentado no capítulo II do nosso trabalho e repetido abaixo:

- (1) Tópico conversacional (aboutness topic): informação que é o tema da sentença (REINHART, 1981);
- (2) Tópico contrastivo: constituinte quer cria um par opositivo a outro tópico (CHAFE, 1987)
- (3) Tópico familiar: constituinte acessível, geralmente realizado em uma forma pronominal (PESETSKY, 1987).

Estas sentenças alvo foram agrupadas primeiramente por aspectos sintáticos: (i) por tipos de tópico; (ii) presença de pronome na posição de base; e, (iii) tipo de deslocamento (em especial àqueles deslocados à direita da sentença). As sentenças foram pensadas de acordo com o trabalho de Frascarelli & Hinterhölzl (2007), sendo que algumas sentenças foram adaptadas daquele trabalho para comparação com o PB.

As demais foram pensadas de modo a cobrir todas as possibilidades de associação entre retomada pronominal e posição de base do tópico deslocado. Os contextos, abaixo exemplificam o modo de condução do experimento:⁴⁹

- (4) A situação é a seguinte: a professora, como eu disse pros alunos, ‘tá grávida, ela ‘tá tendo uma gravidez difícil e ‘tá usufruindo daquela lei específica da maternidade antecipada. Até agora eu tive um mês de aula, eu acho que ela não volta esse ano mas ela me disse pra não falar ainda pros alunos porque... pelas razões dela... de qualquer modo eu penso que vou ficar até o final do ano ... *Eu, isso, pros alunos, eu nao vou falar.*
- (5) O João, O Pedro e a Maria conversavam sobre a Mara. E enquanto o Pedro contava sobre como gostava das coisas que a Mara fazia, especialmente cuidar da roupa, o João atendeu o telefone. Logo depois de desligar o João perguntou pro Pedro: A Mara lavou as luvas?. O Pedro respondeu: *As luvas, a Mara não lavou, mas as botas, a Mara lavou.*

⁴⁹ O contexto em (1) foi adaptado de Frascarelli & Hinterhölzl (2007) em tradução livre e pensado em como seria mais natural ao PB. Além disso em princípio apenas a sentença em itálico seria testada para os diferentes tipos de tópico mas como veremos mais adiante outra sentença, “A professora, como eu disse pros alunos, tá grávida”, acabou entrando na análise.

- (6) . A conversa segue e o Pedro lembrando da roupa que a Maria usou na festa da Joana, um vestido que imita pele de cobra, bem cafona, diz pro Tiago: Na festa do Joao, a Maria, esse vestido, ela nao vai usar.
- (7) B: Eu tinha que estudar as regras aqui e fazer os exercícos ali, mas eu esperava encontrar alguns pontos de referência sempre pra rever a regra, isso me fez falta na prática, pra ter a certeza de lembrar de tudo, enfim
A: mas de qualquer modo aquelas perguntas te davam a certeza de ter entendido tudo.
B: é, não... talvez eu não consiga me dar sozinha a certeza...

O contexto em (1) apresenta os três tipos de tópico na sequência apontada por Frascarelli & Hinterhölzl (2007); já o contexto (2) apenas tópico contrastivo; o contexto (3) exemplifica um tópico familiar deslocado à esquerda; e, o contexto (4) um tópico familiar deslocado à direita.

Do total de 1202 dados ficamos com 288 dados de tópico conversacional em 5 sentenças diferentes, 320 dados de tópico contrastivo em 6 sentenças, 348 dados de tópico familiar em 6 sentenças e 246 dados de tópico familiar à direita da sentença em 4 sentenças.

A análise fonético-fonológica foi realizada utilizando a metodologia e teorias descritas no capítulo II. Sendo catalogadas por (a) evento tonal; (b) ocorrência e tipo de tom de fronteira; e, (c) pausa.

Estabelecemos 6 contornos: (i) H+L* encontrado em 553 ocorrências; (ii) H*+L encontrado em 326 ocorrências; (iii) L+H* correspondendo a 90 do total de tópicos; (iv) L*+H apareceu em 81 deles; (v) L* em 108; e, (vi) H* em 44 dos tópicos. Em princípio a predominância de dois dos seis contornos poderia ser vista como um desafio a nossa hipótese, contudo, como ficará claro mais adiante, os dados tem um comportamento bastante particular e não é uma surpresa que estes contornos não estejam restritos a um tipo de tópico.

Como descrito, o contorno em (i) H+L*, acima, ocorreu em um número maior de dados e assim é interessante notar em qual proporção cada um dos eventos ocorre com determinado tipo de tópico. O gráfico (1) abaixo traz essa representação em valores percentuais:

Gráfico (1): distribuição percentual de ocorrência de evento tonal por tipo de tópico.

A distribuição das barras revela uma paridade interessante em alguns casos. Mas primeiro em relação ao padrão H+L*, do total de locuções, 19,7% das ocorrências foram encontradas com tópicos conversacionais, o restante acabou se dividindo com certa igualdade entre os demais tópicos. A estratégia H*+L ocorreu em maior quantidade com os tópicos familiares deslocados à esquerda e à direita, 12,1% e 11,1%, respectivamente. Mais interessante notar que o evento L+H* ocorre com maior frequência com os tópicos contrastivos, 6,3%, em quantidade insignificante com os tópicos familiares, apenas 0,2% e não ocorre com os deslocados à direita. O mesmo ocorre com o evento L*+H, 5,2% apareceram com os tópicos contrastivos, mas a diferença é que a segunda maior ocorrência com os tópicos familiares 0,9%. O evento L* ocorreu de forma mais dispersa e escassa entre os diferentes tipos de tópicos. O mesmo aconteceu com o evento H* com leve preferência para os tópicos familiares à esquerda da sentença.

Observando as ocorrências de tom de fronteira por tipo de tópico temos o gráfico abaixo:

Gráfico(2): Distribuição percentual de tom de fronteira por tipo de tópico.

O tom baixo, L%, apareceu em 18,5% das ocorrências de tópicos conversacionais. A ausência de tom de fronteira foi predominante nos tópicos contrastivos 13,5%. Nos tópicos familiares deslocados à esquerda 22,5% das ocorrências foram marcadas por tom alto, H%. Já nos tópicos à direita da sentença, o tom baixo apareceu com vantagem sobre o tom alto, 11,1% contra 7,8% respectivamente.

Já a ocorrência de tipo de pausa por tópico pode ser vista no gráfico abaixo:

Gráfico (3): Ocorrência de pausa em cada tipo de tópico.

Podemos observar um crescente nas pausas até o tópico familiar deslocado à esquerda e uma queda nos tópicos familiares deslocados à direita. 5.8% de ocorrência de pausa em tópicos conversacionais, 12.6% em tópicos contrastivos, 15.1% em tópicos familiares deslocados à esquerda e 6% em tópicos à direita.

Tendo em vista os gráficos (1), (2), e (3) podemos concluir que a caracterização prosódica de cada tópico é:

- (a) tópico conversacional é marcado por um evento $H+L^*$, com tom de fronteira $L\%$ e sem pausa;
- (b) tópico contrastivo pode ocorrer com $H+L^*$, ou L^*+H , sem tom de fronteira e sem pausa;
- (c) tópico familiar deslocado à esquerda pode ocorrer $H+L^*$, ou H^*+L , $H\%$ como tom de fronteira e a pausa é opcional; e,
- (d) tópico familiar deslocado à direita ocorre preferencialmente com H^*+L , com um tom de fronteira $L\%$ ou $H\%$ antes do tópico e sem pausa.

Nas próximas seções apresentaremos os resultados específicos de cada um dos tipos de tópico com as respectivas análises dos dados.

4.1 Tópico conversacional

Conforme apresentado anteriormente obtivemos 288 registros de tópicos conversacionais, sendo que: (a) 237 ocorreram com acento $H+L^*$ e os outros 51 distribuídos entre os demais acentos tonais; (b) o acento frasal baixo, $L\%$, ocorreu em 222 dados e o restante, 66 dados, ocorreu sem acento frasal; (c) pausa ocorreu em 70 locuções e 218 não foi encontrada a ocorrência de pausa. Seis sentenças foram testadas para aferir as variáveis levantadas.

O gráfico abaixo mostra a relação entre as ocorrências de acento tonal e acento frasal nesse contexto:

Gráfico (4): Correlação entre acento tonal e acento frasal dos tópicos conversacionais

É possível percebermos que o acento tonal H+L*, que é o mais frequente com, ocorre preferencialmente com acento frasal baixo, L%, na fronteira direita do constituinte topicalizado. Esse dado é especialmente interessante quando levamos em consideração a ocorrência, ou não, de pausa em relação ao acento tonal e em seguida ao acento frasal:

Gráfico (5): Correlação entre pausa e acento tonal e em tópicos conversacionais

Podemos notar que a ocorrência de pausa não é significativa quando relacionada ao tipo de acento frasal, já que 218 dados, ou 64,6%, das locuções ocorreram sem pausa

ocorreram com o acento tonal H+L*. Relacionando os dois gráficos, podemos observar que o acento frasal combinado, L%, com o acento tonal, H+L*, tem praticamente a mesma frequência de ocorrência do acento mesmo acento tonal com ausência de pausa.

A mesma distribuição pode ser vista quando olhamos para a relação entre acento frasal e pausa, em que 60,8% das ocorrências tem como característica a presença de L% e sem pausa:

Gráfico (6): Correlação entre pausa e acento frasal em tópicos conversacionais

Analisando a relação entre retomada pronominal e acento tonal, podemos ver que o acento tonal H+L* responde por 82,3% dos dados, somadas as ocorrências com pronome pleno e sem:

Gráfico(7): Correlação entre retomada pronominal e acento tonal em tópicos conversacionais

Já a relação entre a ocorrência de pausa e a posição argumental de que o tópico foi extraído não parece ser relevante, já que a distribuição é parecida para os dois casos:

Gráfico (8): Correlação entre pausa e posição argumental em tópicos conversacionais

A mesma relação pode ser observada quando tomamos as ocorrências de acentos tonais em relação à posição de que o tópico é extraído. Mais uma vez o acento H+L* aparece como a estratégia mais utilizada quer para a posição de sujeito, quer para a de objeto:

Gráfico (9): Correlação entre acento tonal e posição argumental em tópicos conversacionais

O exemplo (8), abaixo, mostra que a associação do tom baixo, L* está exatamente posicionado sobre a região mais estável da vogal acentuada do sujeito:

(8) [[(a profeSSOra)ω]]I... [(tá)ω(GRÁvida)φ]I

L
H+L* L%
H+L*
Li

Figura (1): F0 da sentença “A professora, como eu disse pros alunos, tá grávida.” em contexto de tópico conversacional.

Um importante aspecto dessas produções é que a presença do aposto foi um dos fatores que motivou a pausa. Nessa sentença, em particular, a presença de pausa foi acentuada.⁵⁰

O exemplo em (9), e sua respectiva figura, apontam para o mesmo evento não deixando dúvidas acerca da posição do evento tonal:

(9) [[(a ÚLtima)ω(uniDAde)ω]φ[(eu)ω(esTOU)ω(faZENdo)ω(aGOra)ω]φ]I
 L+H H+L* L% L+H H+L* Li

Figura (2): F0 da sentença “A última unidade, eu estou fazendo agora” em contexto de tópico conversacional.

A figura (2) mostra claramente a estratégia mais utilizada para os tópicos conversacionais do nosso *corpus*. Um elemento deslocado e o acento H+L* sobre o ω cabeça de I. É possível perceber a não ocorrência de pausa e a ocorrência de um acento frasal baixo, L%, na fronteira do constituinte deslocado.

⁵⁰ Em princípio essa sentença não entraria na análise, já que o sujeito estaria em posição argumental e não deslocado. Mas o comportamento prosódico nos levou a acreditar que de fato o sujeito está em posição A-barra e não faz mais parte do complexo argumental como esperado. Não realizamos um levantamento para a presença de pausa nessa sentença em particular.

4.2 Tópicos contrastivos

Os tópicos contrastivos apresentaram um maior equilíbrio entre a utilização dos acentos tonais, conforme apresentado no gráfico (1). Já o gráfico (2) mostrou que o acento frasal não ocorre em metade das ocorrências de tópico contrastivo. O gráfico (3) apontou para uma igualdade entre a ocorrência ou não de pausa.

Agora, olhando a relação entre as frequências do total de dados em relação ao acento tonal e ao acento frasal, podemos notar que a estratégia de H+L* tem uma distribuição mais equilibrada entre os diferentes acentos frasais e que as estratégias L+H* e L*+H se apoiam mais fortemente em não marcar com acento frasal a fronteira do sintagma contrastado. Olhando para o gráfico é possível ver que o somados todos os valores da não ocorrência de acento frasal supera os 50% de ocorrências:

Gráfico (10): Correlação entre acento frasal e acento tonal em tópicos contrastivos

Os dados também apresentaram um comportamento interessante quando olhamos para a relação entre acento tonal e pausa. A pausa foi mais frequente nos dados com os acentos H+L* e H*+L, enquanto os acentos L*+H e L*+H ocorreram preferencialmente sem pausa:

Gráfico (11): Correlação entre pausa e acento tonal em tópicos contrastivos

A mesma observação pode ser feita em relação às pausas e acentos frasais: a ausência de acento frasal foi predominante sem a ocorrência de pausa e a presença da pausa foi maior quando houve um acento na fronteira do tópico, em especial o acento frasal L%:

Gráfico (12): Correlação entre pausa e acento frasal em tópicos contrastivos

A relação mais interessante, entretanto, é observada entre a estratégia de acento tonal utilizada para tópico contrastivo com a posição argumental do tópico deslocado. Quando o objeto é o termo contrastado, a estratégia utilizada é H+L*, com 35% do total de locuções, e

H*+L com 12,2%; já quando o sujeito é alvo do contraste, L+H* foi a estratégia em 23.1% e L*+H em 19,4%:

Gráfico (13): Correlação entre posição de base e acento tonal em tópicos contrastivos

E a relação entre pausa e posição de base também foi bastante polarizada: quando o objeto é o elemento contrastado a ocorrência de pausa é alta, quando o sujeito é o elemento topicalizado a pausa não ocorre:

Gráfico (14): Correlação entre posição de base e pausa em tópicos contrastivos

Quando cruzamos as ocorrências de acento frasal com posição de base, a não ocorrência de acento frasal foi maior acentuada quando o sujeito ocupa a posição de tópico e marcada quando o objeto é o tópico:

Gráfico (15): Correlação entre posição de base e acento frasal em tópico contrastivo

Os exemplos, abaixo, ilustram os números apresentados. O exemplo em (10), e sua respectiva figura apontam que no caso dos tópicos contrastivos de posição sujeito, um acento L^*+H ou $H+L^*$ é encontrado na sílaba acentuada mais proeminente do constituinte topicalizado:

(10) [...[[(a maRia)ω]φ...[(vai)ω]φ]I]U [[(a joAna)ω]φ[(eu)ω(não)ω(SEI)ω]φ]I]U

$\begin{array}{ccccccc}
| & & | & | & | & & | & | \\
L^*+H & & L^* & Li & L^*+H & & H+L^* & Li
\end{array}$

Figura (3): F0 da sentença “Na festa do João, a Maria eu acho que vai, a Joana eu não sei ” em contexto de tópico contrastivo.

Já para a posição de objeto, o acento mais usado, L+H*, tem seu pico alinhado à região mais estável da vogal mais saliente da sílaba do tópico contrastado:

(11) [[[(as LUvas)ω]φ[[(a MARa)ω]φ[(laVOU)ω]φ]I]U

$\begin{array}{ccccc} | & | & | & | & | \\ \text{L} + \text{H}^* & \text{L}\% & \text{L} & \text{H} + \text{L}^* & \text{Li} \end{array}$

[[(mas) (as BOtas)ω]φ[(a MARa)ω(não)ω(laVOU)ω]φ]I]U

$\begin{array}{ccccc} | & | & | & | & | \\ \text{H} + \text{L}^{**} & \text{L} & \text{H} + \text{L}^* & \text{Li} & \end{array}$

Figura (4): F0 da sentença “as luvas, a Mara não lavou, mas as botas, a Mara lavou” em contexto de tópico contrastivo.

4.3 Tópico familiar à esquerda

Anteriormente mostramos que o tópico familiar à esquerda da sentença teve como estratégia mais regular o uso do acento tonal H*+L (cf. pág. 70 desta tese) com 12.1% do total de dados. Destes 12.1%, 31.3% ocorreram com um acento frasal H% e somente 10.3% com tom L%. A segunda estratégia mais utilizada, H+L*, ocorreu com tom H% em 37.3%:

Gráfico (16): Correlação entre acento frasal e acento tonal em tópicos familiares

A ocorrência de pausa foi bastante equilibrada em termos gerais; 22.1% com o acento H+L* e 21.8% com o acento H*+L. Isso pode indicar uma não relevância da presença de pausa nos tópicos contrastivos já que a ausência de pausa também apareceu em valores muito próximos, 15.2% com H+L* e 20.1% com H*+L:

Gráfico (17): Correlação entre pausa e acento tonal em tópicos familiares

Conforme verificado anteriormente o acento frasal H% é o mais frequente nesse tipo de topicalização e a relação entre esses fatores mostrou que não há grande variação diante da estratégia adotada, já que os valores foram bastante próximos:

Gráfico

(18): Correlação entre pausa e acento frasal em tópicos familiares

Aqui podemos notar que o tom alto ocorre 39,1% das vezes com pausa e 38,5% das vezes sem pausa. Já o tom baixo ocorre com pausa em 12,6% das ocorrências e sem pausa 7,2%.

O exemplo em (11) e a respectiva figura (6), a seguir, ilustra os gráficos apresentados anteriormente com relação à topicalização de um objeto e podemos notar a associação de um evento tonal H^*+L com a sílaba acentuada do tópico familiar e um tom de fronteira alto:

12) [...[[(pros)ω(aLUnos)ω]φ[(eu)ω(não)ω(VOU)ω (faLAR)ω]φ]I]U

$\begin{array}{cccccc}
| & | & | & | & | & | \\
H^*+L & H\% & L & L^* & H+L^* & Li
\end{array}$

4.4 Tópico familiar à direita

Conforme apontado anteriormente (cf. gráfico 1), para os tópicos familiares à direita, a estratégia mais utilizada de acento tonal foi H*+L com 11.1% do total de dados e 6.2% para H+L*. A relação entre acento frasal e acento tonal no total de dados com tópico familiar deslocado à direita foi marcada pela polaridade entre acento tonal H*+L e acento frasal L% com 41.1% e o acento tonal H+L* com 17.1% de associação com o acento frasal H%:

Gráfico (23): Correlação entre acento frasal e acento tonal em tópicos deslocados à direita

A relação entre pausa e acento tonal apresentou 44.7% das ocorrências de H*+L acontecendo sem pausa e apenas 9.8% com pausa para o mesmo acento tonal. Já para os outros acentos a relação foi mais equilibrada variando entre uma diferença de 2.4% no acento L*+H até 4.9% no acento H+L*:

Gráfico (24): Correlação entre pausa e acento tonal em tópicos deslocados à direita

A relação entre a ocorrência de acento tonal e posição de base foi marcada pela quantidade de sentenças testadas. 193 locuções em 3 sentenças de deslocamento do objeto e 53 locuções em uma sentença de deslocamento do sujeito . Assim, olhando para as colunas do gráfico, percebemos uma certa paridade entre as frequências com exceção do acento tonal H*+L com 44,3% associados ao deslocamento de objeto, do total de locuções, seguido do acento H+L* com 17,1% ocorrendo com deslocamento de sujeito, do total de locuções:

Gráfico (25): Correlação entre posição de base e acento tonal em tópicos deslocados à direita

A ausência de pausa marcou tanto as ocorrências de deslocamento do sujeito quanto de objeto. Para o primeiro obtivemos 22,8% de locuções e para o segundo, 48%:

Gráfico (26): Correlação entre pausa e posição de base em tópicos deslocados à direita

A correlação entre acentos frasais e posição de base foi marcada com maior intensidade com o tom baixo antecedendo um objeto deslocado, 44,7%. Quando o sujeito é alvo do deslocamento obtivemos um total de 24% de acentos frasais altos:

Gráfico (27): Correlação entre posição de base e acento frasal em tópicos deslocados à direita

Para encerrar, a relação entre pausa e acento frasal não foi marcada pela igualdade entre as variáveis: o tom baixo, L%, que ocorreu na maior parte dos casos, sem a presença de

pausa em 51.6% do total de dados. Já o acento frasal alto, H%, ocorreu em maior quantidade com a presença da pausa, 21.5%:

Gráfico (28): Correlação entre pausa e acento frasal em tópicos deslocados à direita

O exemplo em (13) e a respectiva figura (7), a seguir, ilustra os gráficos apresentados anteriormente com relação à topicalização de um sujeito e podemos notar a associação de um evento tonal H*+L com a sílaba acentuada do tópico familiar e um tom de fronteira alto:

13) [...[[(ele)ω(nem)ω (traBAIha)ω(mais)ω(LÁ)ω]φ[(esse)ω (CAra)ω]φ]I]U

|
|
|
|
|
|
|
|

L
H
H+L*
H
H%*
L
H+L*
Li

Figura (6): F0 da sentença “Ele nem trabalha mais lá esse cara” em contexto de tópico deslocado à direita.

O exemplo em (14) e a respectiva figura (8), a seguir, ilustra os gráficos apresentados anteriormente com relação à topicalização de um sujeito e podemos notar a associação de um evento tonal H*+L com a sílaba acentuada do tópico familiar e um tom de fronteira alto:

- 14) [...[[(pra)ω(maRIa)ω]φ [(essa)ω(CARta)ω]φ]I]U
- $\begin{array}{ccccccc}
| & | & | & | & | & | & | \\
L^*+H & L\% & H & & H^*+L & & Li
\end{array}$

Figura (7): F0 da sentença “então eu mandei pra Maria essa carta” em contexto de tópico deslocado à direita.

Sumarizando e discutindo os resultados:

A discussão de Frascarelli & Hinterhölzl (2007) apresentada no capítulo 1 mostrou que (i) os tópicos conversacionais em italiano apresentam como acento tonal característico o contorno L^*+H com o pico alinhado à sílaba pós-tônica e em alemão o acento $L+H^*$ alinhado à sílaba tônica; (ii) para o tópico contrastivo em italiano o acento H^* e L^*+H para o alemão; e, (iii) L^* para os tópicos familiares nas duas línguas.

Fernandes (2007) estudando os focos entre a variedade europeia e brasileira do português e encontrou dois acentos tonais, o L^*+H e o H^*+L . Já Orsini (2003) em seu estudo sociolinguístico encontrou os seguintes contornos:

- (i) o contorno $H^* L+H^* H\%$ foi encontrado em sujeitos de sentenças declarativas neutras;
- (ii) o contorno $H^* L+H^* L\%$ marcou os sintagmas que foram deslocados à esquerda e tópicos anacolutos, e;
- (iii) o contorno $L^* H^*+H H\%$ que foi o padrão encontrado para os tópicos contrastivos e alguns casos de topicalização de objeto.

Todavia, é preciso lembrar que a autora retoma o sentido original do termo “topicalização” e que para Orsini é a veiculação de foco, contrapondo assim a análise de Fernandes.

Retomando as características gerais apontadas anteriormente (cf. pág. 69 desta tese), e exploradas ao longo dos resultados específicos, temos que:

- (a) tópico conversacional é marcado por um evento $H+L^*$, com tom de fronteira $L\%$ e sem pausa;
- (b) tópico contrastivo pode ocorrer com $H+L^*$, $L+H^*$ ou L^*+H , sem tom de fronteira e pausa opcional⁵¹;
- (c) tópico familiar deslocado à esquerda pode ocorrer $H+L^*$, ou H^*+L , $H\%$ como tom de fronteira e a pausa é opcional; e,
- (d) tópico familiar deslocado à direita ocorre preferencialmente com H^*+L , com um tom de fronteira $L\%$ ou $H\%$ antes do tópico e sem pausa.

Comparando os resultados obtidos pelo nosso experimento com os de Frascarelli & Hinterhölzl (2007) podemos notar que o PB não tem uma correspondência com as línguas estudadas pelos autores. Com exceção do acento tonal L^*+H , que ocorre com tópicos contrastivos de sujeito do PB e com tópicos contrastivos do alemão, nenhuma outra correspondência é encontrada em nossos dados.

Com o trabalho de Fernandes (2007), por outro lado, parece existir uma sobreposição de acentos tonais. Em especial de tópicos contrastivos e tópicos familiares deslocados de posição objeto com elementos focalizados:

⁵¹ Na verdade pudemos observar que a pausa depende da posição de base de que o tópico recebe seu papel temático.

Essa configuração não é impossível já que focos e tópicos tem propriedades sintáticas diferentes, sendo então responsável pela distinção entre as estruturas, além de alguns serem impossíveis de co-ocorrer na mesma sentença, como veremos no próximo capítulo.

Um último ponto de destaque diz respeito aos tópicos contrastivos. Este tipo de topicalização se mostrou o mais variado em relação aos acentos tonais dentre todos os tópicos analisados. Essa variação pode ser creditada ao fato de o tópico contrastivo ser a estrutura mais marcada sintaticamente e contraposta por uma outra sentença mediada por conjunção. Ainda assim, preferências por certos tipos de acentos tonais apareceram com maior frequência especialmente para a posição de objeto em que 35% das locuções apareceram com o acento H+L*.

5. Retomando e encerrando

5. Aspectos sintáticos

Na introdução deste trabalho mostramos a ambiguidade estrutural envolvendo sentenças do Português Brasileiro quando um elemento é deslocado para a periferia esquerda da sentença. Retomando os exemplos em (4 pág.15), abaixo:

a.	O JOÃO (*ele) leu o livro de sintaxe (não o Pedro).	Foco contrastivo
b.	O livro de sintaxe, o João leu ø/ele ontem.	Tópico
c.	O João, ele leu o livro de sintaxe.	Tópico
d.	O João, ø leu o livro de sintaxe ontem.	Tópico

A análise desenvolvida até aqui buscou responder três perguntas relacionadas ao tipo de estrutura argumental envolvida na derivação e o tipo de derivação envolvida nestas sentenças, que foram apresentadas na introdução desta tese e retomadas abaixo:

- As construções com tópicos deslocados em PB envolvem movimento do tópico; movimento de um operador; ou mostram ausência de movimento sintático?
- O PB apresenta uma construção equivalente à CLLD em Italiano, mas com pronome nulo?
- O PB apresenta diferentes posições de tópico como o Italiano e o Alemão?
- A prosódia dos tópicos no PB é similar às essas línguas estudadas por Frascarelli?

Estes questionamentos levantados na introdução, surgiram com base nos estudos já realizados quer da derivação em si quer do tipo de estrutura envolvida no processo. De outro modo, vimos que há quem defenda que tópicos são gerados na base, e.g. Bonorino (2005), de outro fruto de movimento, Modesto (1997), e essas escolhas trazem desafios de ordem adequada e explicativa diferentes.

A geração de tópicos na base traz benefícios por explicar de forma mais inequívoca diferenças entre tópicos e focos, dentre as quais:

- A) Tópico
 - (vi) não-quantificacionais;
 - (vii) recursivas;
 - (viii) possibilidade de co-ocorrência com sintagmas *wh*;
 - (ix) existência de um operador nulo na estrutura que permitiria a reconstrução do tópico na posição argumental.

B) Foco

- (v) quantificacionais;
- (vi) não-recursivas;
- (vii) sem possibilidade de co-ocorrência com sintagma *wh*; e,
- (viii) fruto de movimento, já que não é possível retomada anafórica com pronome lexical na posição argumental.

. Por outro lado carece de força adequativa, já que Modesto (1997) mostrou que sentenças com tópicos sem retomada pronominal estão sujeitas a alguns tipos de restrições que sentenças com elementos focalizados apresentam, como sensibilidade às ilhas. E Modesto (2008) mostrou que os antecedentes de sujeitos nulos são variáveis presas por esses antecedentes, sendo que, quando há movimento envolvido a possibilidade de escolha de um antecedente é mais restrita (cf. seção 2.2.2.1 desta tese).

Duas explicações foram levantadas para os fatos expostos sobre os tópicos e duas propostas de derivação foram vistas envolvendo diferentes propriedades e configurações. De um lado, Frascarelli (2000) argumentou em favor da geração na base, por não existir motivação para checagem repetida de traços de tópicos que sempre devem figurar em posição A-barra, diferentemente de focos que aparecem *in situ*, inclusive. A checagem dos demais traços seria realizada *via* um operador nulo que seria o encarregado das valorações necessárias para a boa formação da sentença. Já Holmberg (2010) adotou uma outra postura, trazendo diferenças para o complexo T. Quando T possui traços- ϕ inerentes, *spec,TP* é uma posição projetada antes da entrada do complexo C, abrindo caminho para uma construção muito abundante no PB, a topicalização selvagem, já que T não precisa “herdar” os traços- ϕ de C. Esse tipo de topicalização, que faz com que um DP complemento apareça na periferia esquerda do verbo, salvando uma derivação que não possuía um argumento externo, é tido como bastante produtivo em PB. Essa proposta foi adotada por Avelar & Galves (2011, cf. seção 2.2.5 desta tese). Nesse sentido, a posição de especificador de T seria uma posição A-barra, caso a classificação de Chomsky (2008) para movimento A ou A-barra seja mantida.

5.1 Aspectos prosódicos

A discussão de Frascarelli & Hinterhölzl (2007) apresentada no capítulo 1 mostrou que (i) os tópicos conversacionais em italiano apresentam como acento tonal característico o contorno L^*+H com o pico alinhado à sílaba pós-tônica e em alemão o acento $L+H^*$ alinhado à sílaba tônica; (ii) para o tópico contrastivo em italiano o acento H^* e L^*+H para o alemão; e, (iii) L^* para os tópicos familiares nas duas línguas.

Fernandes (2007) estudando sentenças com foco informacional sobre o sujeito entre as variedades europeia e brasileira do português e encontrou: (i) um contorno L^*+H , encontrado também no contorno do sujeito das declarativas neutras associado a um acento frasal à fronteira direita do ϕ do sujeito; (ii) um padrão é H^*+L não havendo acento frasal associado à fronteira direita do ϕ do sujeito.

Já Orsini (2003) em seu estudo sociolinguístico encontrou os seguintes contornos:

- (i) o contorno $H^* L+H^* H\%$ foi encontrado em sujeitos de sentenças declarativas neutras;
- (ii) o contorno $H^* L+H^* L\%$ marcou os sintagmas que foram deslocados à esquerda e tópicos anacolutos, e;
- (iii) o contorno $L^* H^*+H H\%$ que foi o padrão encontrado para os tópicos contrastivos e alguns casos de topicalização de objeto.

Todavia, é preciso lembrar que a autora retoma o sentido original do termo “topicalização” e que para Orsini é a veiculação de foco, contrapondo assim a análise de Fernandes.

Esses estudos nos levaram a formulação de três hipóteses (cf. cap 3), repetidas abaixo:

- (iv) caso o tópico familiar, quando objeto, tenha uma entoação parecida com a do sujeito canônico na ordenação SVO, é provável que essa ordenação favoreça a leitura de tópico-sujeito;
- (v) caso o *aboutness topic* apresente uma entoação similar a de sintagmas focalizados é provável que Modesto (2008) esteja correto sobre a possibilidade de movimento do tópico para a periferia esquerda;
- (vi) o tópico contrastivo deve ter um padrão único e diferente dos dois outros tipos de tópico;

Os resultados apontaram que o sujeito canônico, quando sucedido de aposto, tem um comportamento de tópico conversacional e que o tópico familiar deslocado à esquerda não apresenta uma mesma entoação de sujeito (para entoação de sujeitos canônicos cf. Tenani 2002; Fernandes 2007; entre outros).

Já para a hipótese II, também não obtivemos sucesso. Na verdade, como vimos, os acentos tonais que marcam foco informacional sobre o sujeito são os mesmos que aparecem relacionados aos tópicos contrastivos e tópicos familiares, mais do que isso, um dos acentos

tonais mais encontrados para tópicos contrastivos é o mesmo indicado por Fernandes (2007) para os sujeitos canônicos. A diferença aparece quando o tópico contrastivo ocorre com o mesmo acento do foco informacional sobre o sujeito com acento H^*+L pois esse acento nos tópicos contrastivos, ocorreu apenas na posição de objeto e com ocorrência de pausa.⁵²

Os tópicos familiares apresentaram o mesmo acento tonal que o foco informacional sobre o sujeito e o tópico contrastivo de objeto. O fato de ser o objeto o elemento deslocado parece ser o motivador de tal semelhança, mas o acento frasal nesse caso é alto, diferente dos dois outros casos, o tópico contrastivo de objeto é marcado por acento frasal baixo e o foco informacional sobre sujeito parece não possuir um acento frasal.

Retomando as características gerais apontadas anteriormente (cf. gráficos seção 4 cap. 4 desta tese):

- (e) tópico conversacional é marcado por um evento $H+L^*$, com tom de fronteira $L\%$ e sem pausa;
- (f) tópico contrastivo pode ocorrer com $H+L^*$, $L+H^*$ ou L^*+H , sem acento frasal para os sujeitos e com acento frasal baixo e pausa para os objetos;
- (g) tópico familiar deslocado à esquerda pode ocorrer $H+L^*$, ou H^*+L , $H\%$ como tom de fronteira e a pausa é opcional; e,
- (h) tópico familiar deslocado à direita ocorre preferencialmente com H^*+L , com um tom de fronteira $L\%$ ou $H\%$ antes do tópico e sem pausa.

Comparando os resultados obtidos pelo nosso experimento com os de Frascarelli & Hinterhölzl (2007) podemos notar que o PB não tem uma correspondência com as línguas estudadas pelos autores. Com exceção do acento tonal L^*+H , que ocorre com tópicos contrastivos de sujeito do PB e com tópicos contrastivos do alemão, nenhuma outra correspondência é encontrada em nossos dados.

Com o trabalho de Fernandes (2007), por outro lado, parece existir uma sobreposição de acentos tonais. Em especial de tópicos contrastivos e tópicos familiares deslocados de posição objeto com elementos focalizados:

Essa configuração não é impossível já que focos e tópicos tem propriedades sintáticas diferentes e alguns são impossíveis de co-ocorrer na mesma sentença. Os tópicos contrastivos se mostraram mais versáteis em relação às combinações das diferentes variáveis,

⁵² O fato de haver uma diferença significativa entre os acentos frasais pode revelar que, na verdade, o acento tonal marca a posição de base e o acento frasal a posição de pouso, para os tópicos mais baixos, contrastivo e familiar.

sendo sua classificação mais complicada dentre todos os tópicos analisados. Essa variação pode ser creditada ao fato de o tópico contrastivo ser a estrutura mais marcada sintaticamente e contraposta por uma outra sentença mediada por conjunção. Ainda assim, preferências por certos tipos de acentos tonais apareceram com maior frequência especialmente para a posição de objeto em que 35% das locuções apareceram com o acento H+L*. Essa configuração pode dar mais força a uma possibilidade pouco explorada até aqui mas que é de grande interesse nosso, a orientação do PB como língua de tópico (cf. Negrão 1999; Galves 2001, entre outros). Uma possibilidade bastante forte dada a distribuição majoritária dos acentos tonais.

Conclusões

Ao longo deste texto, buscamos apontar que o problema na adequação e explicação da sintaxe das sentenças com tópicos poderiam ser melhor avaliados tendo auxílio da prosódia, além de uma diversidade maior nos contornos entoacionais das mesmas. Vimos que as propostas de derivação sintática para as estruturas de tópico diferem em pontos importantes e radicais. Quer para a exclusão de movimento na periferia esquerda (Frascarelli 2000; Frascarelli & Hinterhölzl 2007) quer para uma projeção A-barra no complexo T, seja FP, adotada por Modesto (2008), Agr2P, de Cardinaletti (1996) explorada por Bonorino (2005), entre outros, ou uma relação de independência de herança de traços do complexo C, visão de Holmberg (2010) implementada ao PB por Avelar & Galves (2011).

Adotando Frascarelli (2007) deixaríamos de lado construções apontadas por Avelar & Galves (2011, cf. ex. 22 seção 2.3.6 desta tese) como (1), abaixo:

- 1) Os carros furaram o pneu.

Por outro lado, adotar Holmberg (2010) desfaria, em princípio, a modelagem de fases proposta em Chomsky (2008), um passo que traria problemas de outra ordem ao PB, como por exemplo, o não alçamento do argumento interno a uma posição mais alta na derivação, como nota o próprio Chomsky (cf. pág 13 e 14).

Como o PB não possui um sistema de clíticos (cf. MODESTO 2007, seção 2.3.2 deste trabalho) era difícil decidir se tópicos eram movidos ou gerados na base, (ex. em 8 seção 2.3.2, repetido abaixo em 3), por conta da ambiguidade estrutural que a sequência linear não revela:

3) O teu livro, (eu acho que) você devia dar ___ pra Maria. (não pra Jane)

a. O teu livro, [OP [(eu acho que) você devia dar *t* pra Maria]]

b. O teu livro, [(eu acho que) você devia dar *pro* pra Maria]

(adaptado MODESTO 1997:4)

Ou seja, a sentença (3) pode tanto ter uma derivação com movimento (3a), quanto com geração na base (3b). Nossa hipótese de que a prosódia poderia dar suporte para uma das análises se mostrou menos robusta do que o esperado para os aspectos sintáticos desse tipo de estrutura. Mas pudemos evidenciar que o PB apresenta os tipos de tópicos apontados por Frascarelli & Hinterhölzl (2007), ainda que de modo não tão contundente. Mostramos que os contornos entoacionais estão sobrepostos na periferia esquerda da sentença e que, do mesmo modo que o foco informacional sobre o sujeito apresentado por Fernandes (2007), as estratégias de entoação para tópicos são bastante semelhantes, do mesmo modo que o foco prosódico no sujeito apresentou quer um acento tonal distinto, quer um acento tonal idêntico ao sujeito canônico (cf. seção 5.4.2.1 da autora), entre os diferentes tipos de tópico.

Outras perguntas surgiram ao fim da análise dos dados que carecem de confirmações através de um *corpus* de maior tamanho ou de metodologia diferente, a saber:

- I) Seria correto afirmar que um sintagma deslocado detenha o mesmo contorno acentual que possuiria em posição de base, haja visto que a maior parte dos objetos diretos e locativos, normalmente localizados em periferia direita das sentenças do PB, deslocados foram analisados como portadores de um acento tipicamente de final de sentença H+L*?
- II) Mais do que isso, seria o acento frasal o responsável por marcar o tipo de posição A-barra ocupada pelo elemento deslocado, tendo a análise apontado para uma especificidade de L% em tópicos conversacionais, Ø para tópicos contrastivos e H% para tópicos familiares?
- III) Em caso negativo da pergunta (I), a entoação seria apenas uma sequência discreta de variações tonais particulares em cada língua com algumas regularidades básicas, como elevação de *F0* em se tratando de questões sim não?
- IV) E em caso negativo de (II), os acentos frasais apenas denunciam limites de sintagmas entoacionais?
- V) Outros vetores acústicos, intensidade e duração por exemplo, como sugere Santos (2002) para a retração acentual diante de categorias vazias, podem fornecer

evidências adicionais, quem sabe mais robustas, aos valores de $F0$, aqui descritos?

Se sim de que tipo?

- VI) Uma restrição maior no tipo de dado analisado, selecionar apenas um tipo de tópico, ou ainda o deslocamento de um sintagma, sujeito ou objeto, seria de maior valia?

Investigações adicionais acerca do assunto parecem necessárias, quer com outra metodologia, quer com outro recorte no tipo de dado estudado. Nos parece, sobretudo arriscado decidir excluir a opção de movimento para tópicos sob pena de perdermos poder adequativo sobre o conjunto de dados. Por outro lado, enfraquecer o complexo C seria arriscado no sentido de gerar estruturas inexistentes na língua. A opção de mais uma projeção funcional pode ser um caminho a ser percorrido, mas ainda nos parece pouco econômico do ponto de vista derivacional.

Bibliografia

ABOUSALH, E. Resolução de Choques de Acento no Português Brasileiro: Elementos para uma Reflexão sobre a Interface Fonologia-Sintaxe. Master's thesis, Universidade Estadual de Campinas. 1997.

BARBOSA, Pilar, DUARTE, Eugênia, & KATO, Mary. Null subjects in European and Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, 4:2, 2005, pp. 11-52.

BEJAR, S. **Phi-syntax: a theory of agreement**. PhD dissertation, University of Toronto, 2003.

_____. Conditions on phi-agree. In: HARBOUR, D.; ADGER, D.; BEJAR, S. (Ed.) **Phi-theory: phi-features across modules and interfaces**. Oxford: Oxford University Press, 2008. p. 130-154.

BELLETTI, A. The Case of unaccusatives. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, MA, v. 19, n. 1, p. 1-34, 1988. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/4178572>>. Acesso em: 24/09/2011.

_____. "Inversion" as focalization and related questions. **Catalan Working Papers in Linguistics**, Barcelona, v. 7, p. 9-45, 1999. Disponível em: <<http://www.raco.cat/index.php/CatalanWP/article/view/18136/17977>>. Acesso em: 25/09/2011.

_____. Aspects of the low IP area. In: _____. (Ed.) **Structures and strategies**. New York/London: Routledge, 2009. p. 161-191. (Routledge Leading Linguists, 16).

BRITTO, H. **Deslocamento à esquerda, resumptivo-sujeito, ordem SV e codificação sintática de juízos tético e categórico no português do Brasil**. Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas, 1998.

CALLOU, Dinah et alii. Topicalização e deslocamento à esquerda: sintaxe e prosódia. In: CASTILHO, A. (org.). *Gramática do português falado*. Vol. III: As abordagens. Campinas: UNICAMP / FAPESP, 1993.

CHOMSKY, A. N. **Lectures on government and binding**. Dordrecht: Foris, 1981.

_____. **The minimalist program**. Cambridge, MA: The MIT Press, 1995.

_____. **On WH-movement**. P. Cullicover, T. Wasol & A. Akmajian (eds.) *Formal Syntax*. NY, Academic Press. 1997.

_____. Minimalist inquiries: The framework. In: MARTIN, R.; MICHAELS, D.; URIAGEREKA, J. (Eds.) **Step by step: essays in honor of Howard Lasnik**. Cambridge, MA: The MIT Press, 2000. p. 89-155.

_____. Derivation by phase. In: KENSTOWICZ, M. (Ed.) **Ken Hale: a life in language**. Cambridge, MA: The MIT Press, 2001. p. 1-52. (Current Studies in Linguistics, 36).

_____. On phases. In: FREIDIN, R.; OTERO, C.; ZUBIZARRETA, M. L. (Ed.) **Foundational issues in linguistic theory**. Cambridge, MA: The MIT Press, 2008. p. 133-166.

CHOMSKY, A. N.; HALLE, M. **The sound pattern of English**. New York: Harper & Row, 1968.

CHOMSKY, A. N.; LASNIK, H. The theory of Principles and Parameters. In: CHOMSKY, A. N. **The minimalist program**. Cambridge, MA: The MIT Press, 1995. p. 13-127.

DUARTE, M. E. 151f. **A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro**. Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas, 1995.

FERNANDES, F. R. Ordem, focalização e preenchimento em português: sintaxe e prosódia. Tese de Doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas. 2007

FIGUEIREDO SILVA, M. C. **A posição sujeito no português brasileiro: Frases finitas e infinitivas**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

FRASCARELLI, M. The Syntax-Phonology Interface in Focus and Topic Constructions in Italian, Kluwer, Dordrecht. 2000

FRASCARELLI, Mara and Roland HINTERHÖLZL. ‘Types of Topics in German and Italian’, in S. Winkler and K. Schwabe (eds.), *On Information Structure, Meaning and Form*, John Benjamins, Amsterdam/ Philadelphia, pp. 87-116. 2007.

FROTA, S. & M. VIGÁRIO. Aspectos de prosódia comparada: ritmo e entoação no PE e no PB. In Actas do XV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística, 533- 555. Braga: APL. 2000

GALVES, Ch. “Pronomes e categorias vazias no português do Brasil”. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 7: 107-136. Unicamp. 1984.

_____. Ensaio sobre as gramáticas do português. Campinas: Editora da Unicamp. 2001.

KATO, M. A. Sujeito e tópico: duas categorias na sintaxe? **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, v. 17, p. 109-132, 1988.

_____. Strong and weak pronominals and the null subject parameter. **Probus**, Nijmegen, v. 11, n. 1, p. 1-38, 1999. Disponível em: <<http://www.reference-global.com/doi/pdf/10.1515/prbs.1999.11.1.1>>. Acesso em: 24/09/2011.

_____. A restrição de monoargumentalidade da ordem VS no português do Brasil. **Fórum Lingüístico**, Florianópolis, n. 2, p. 97-127, 2000a. Disponível em: < <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/7208/6654>>. Acesso em: 24/09/2011.

KATO, M. A.; RAPOSO, E. P. Topicalization in European and Brazilian Portuguese. In: CAMACHO, J. et. al. (Ed.) **Romance linguistics 2006: Selected papers from the 36th Linguistic Symposium on Romance Languages**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2007. p. 205-218.

KAYNE, R. **The antisymmetry of syntax**. Cambridge, MA: The MIT Press, 1994. (Linguistic Inquiry Monographs, 25).

MIOTO, C.; FIGUEIREDO SILVA, M. C.; LOPES, R. E. V. **Novo manual de sintaxe**. Florianópolis: Insular, 2007.

MODESTO, M. Topics and Focused Phrases in Brazilian Portuguese. 1997. (manuscrito)

NEGRÃO, E. Português brasileiro: uma língua voltada para o discurso. Tese de Livre Docência, Universidade de São Paulo. 1999.

NEGRÃO, E. V.; MÜLLER, A. L. P. As mudanças no sistema pronominal do português brasileiro: substituição ou especialização de formas? **DELTA**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 125-152, 1996.

NUNES, J; SANTOS, R.. (2009) Stress Shift as a Diagnostics for Identifying Empty Categories in Brazilian Portuguese. In: NUNES, Jairo. **Minimalist Essays on Brazilian Portuguese Syntax**. John Benjamins Publishing Company. Amsterdam/Philadelphia.

ORSINI, Mônica Tavares. 2003. As construções de tópico no português do Brasil: uma análise sintático-discursiva e prosódica. Tese de doutorado em Língua Portuguesa. UFRJ, Rio de Janeiro.

ORTEGA-SANTOS, I. On new information focus, sentence stress assignment conditions and the copy theory: a Spanish conspiracy. In: KAZANINA, N. et. al. (Ed.). **University of Maryland Working Papers in Linguistics**, College Park, v. 14, p. 188-212, 2006. Disponível em: <<https://umdrive.memphis.edu/rtgsntos/Ortega-Santos%2006%20UMWPiL.pdf>>. Acesso em: 24/09/2011.

PARTEE, B. Topic, focus and quantification. In: MOORE, S. K.; WYNER, A. Z. (Ed.) **Proceedings of SALT 1**. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1991. p. 257-280. Disponível em: <<http://elanguage.net/journals/index.php/salt/article/view/1.159/1557>>. Acesso em: 25/09/2011.

PIERREHUMBERT, J. The phonology and phonetics of English intonation. Tese de Doutorado. Mass.: M.I.T. 1980.

QUAREZEMIN, S. **A focalização do sujeito no português brasileiro**. 126f. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, 2005. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PLL0329.pdf>>. Acesso em: 25/09/2011.

RIZZI, L. **Issues in Italian syntax**. Dordrecht: Foris, 1982.

_____. **Relativized minimality**. Cambridge, MA: The MIT Press, 1990. (Linguistic Inquiry Monographs, 16).

_____. The fine structure of the left periphery. In: HAEGEMAN, L. (Ed.) **Elements of grammar: Handbook in generative syntax**. Dordrecht: Kluwer, 1997. p. 281-337.

ROSS, J.R. (1967) Constraints on variables in syntax. MIT.

SANTOS, R. S. (2002). Categorias Sintáticas Vazias e Retração de Acento em Português Brasileiro. D.E.L.T.A., 67 - 86

TENANI, L. E. (2002) Domínios prosódicos no Português. Tese de Doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas.

ZUBIZARRETA, M. (1998) Prosody, focus and word order. Cambridge; The MIT Press.

Anexo 1

Contextos e sentenças do experimento de produção realizado nesta tese

1.A situação é a seguinte: **a professora, como eu disse pros alunos, ‘tá grávida**, ela ‘tá tendo uma gravidez difícil e ‘tá usufruindo daquela lei específica da maternidade antecipada. Até agora eu tive um mês de aula, eu acho que ela não volta esse ano mas ela me disse pra não falar ainda pros alunos porque... pelas razões dela... de qualquer modo eu penso que vou ficar até o final do ano ... **Eu, isso, pros alunos, eu nao vou falar**

2.Era muito material e por isso no início eu fiz tudo meio com pressa tentando fazer tudo no tempo que vocês tinham determinado talvez fazendo meio superficialmente de modo a fazer tudo – **a última unidade eu estou fazendo agora**, eu deixei ela um pouco de lado porque eu recomecei o programa todo....

3.As línguas em particular eu não tenho um método especial porque eu tive uma história atrapalhada sobretudo com o inglês (...) **com o francês foi perfeito: eu estudei três anos na escola secundária**, e cheguei a ter um bom nível, eu conseguia ver um filme na versão original – **no inglês eu sempre tive problema com os professores**.

4.B: Eu tinha que estudar as regras aqui e fazer os exercícios ali, mas eu esperava encontrar alguns pontos de referência sempre pra rever a regra, isso me fez falta na prática, pra ter a certeza de lembrar de tudo, enfim A: mas de qualquer modo aquelas perguntas te davam a certeza de ter entendido tudo. B: é, não... **talvez eu não consiga me dar sozinha a certeza...**

5.Era tudo muito novo no sentido de que de qualquer modo a língua inglesa por programa de computador, digamos, ... de qualquer modo o inglês me parecia, mesmo se eu estava fazendo sozinha, me parecia mais interessante... **eu, inglês, não.. juro que eu nunca tinha feito**.

6. Então, no norte de Minas tinha um meio aparentado nosso. **Esse rapaz, ele abriu um negócio no interior**. E lá naquele interior tinha uma cobra enorme... **essa cobra, num dia, esse parente viu bem pertinho**. Ele ficou morrendo de medo, fechou o negócio e veio embora...

7. É aniversário do João e o Pedro conversa o Tiago sobre quem é convidado para a festa. O Tiago desconfiando que a Joana tem ciúmes da Maria diz: **Na festa do Joao, a Maria, eu acho que vai, a Joana eu nao sei**.

8. A conversa segue e o Pedro lembrando da roupa que a Maria usou na festa da Joana, um vestido que imita pele de cobra, bem cafona, diz pro Tiago: **Na festa do Joao, a Maria, esse vestido, ela nao vai usar**.

9. O João e a Maria ficaram noivos na festa dele. O Pedro e a Joana conversavam sobre o assunto, ontem. A Joana dizia para o Pedro que achava o comportamento da Maria estranho e o Pedro, discordava. Certo ponto a Joana disse: **Com o Joao, a Maria, eu acho que ela nao casa não**.

10. Então, no norte de Minas tinha um meio aparentado nosso. **Esse rapaz, lá no interior, abriu um negócio pra sustentar a família.** E lá, tinha uma cobra enorme... **essa cobra, num dia, esse parente viu ela bem pertinho.** Ele ficou morrendo de medo, fechou o negócio e veio embora...

11. O João queria fazer pós. Eu estava preocupado e queria ajudar de alguma maneira. Aí eu A Cristina me mandou uma carta falando sobre o João e que teria sido útil na hora de escolher os candidatos pra pós. O fato é que **eu não recebi essa carta.**

12. Os linguistas estudam a capacidade do ser humano de produzir um número infinito de sentenças numa dada língua. **Essa capacidade, ela é de natureza mental.**

13. O João, O Pedro e a Maria conversavam sobre a Mara. E enquanto o Pedro contava sobre como gostava das coisas que a Mara fazia, especialmente cuidar da roupa, o João atendeu o telefone. Logo depois de desligar o João perguntou pro Pedro: A Mara lavou as luvas?. O Pedro respondeu: **As luvas, a Mara não lavou, mas as botas, a Mara lavou.**

14. A: Onde você comprou essa bolsa?

B: Vende em todo lugar essa bolsa

15. A: Você viu a Maria?

B: A Maria, eu acredito que esteja viajando.

16. Um dos amigos gays da Maria diz: **Na festa do João, A Maria, com esse vestido, ela não vai.**

17. Uma professora está falando sobre linguística. A linguística entende a linguagem do ser humano, considerado como espécie, como o Homo Sapiens. **Essa capacidade do ser humano, ela é de natureza mental.**

18. Pedro e Daniel estão planejando o almoço de domingo. Daniel diz:

- Compra paio, linguiça e feijão preto, pra gente fazer feijoada.

O Pedro responde (fazendo cara de nojo):

- Feiojada?

D: Eu achei que você gostasse de feijão.

P: **De feijão, eu gosto, de feijoada, não.**

19. A carta chegou às minhas mão através do Paulo, sobre um aluno que queria fazer pós. Eu fiquei preocupado e queria ajudar de alguma maneira. **Então eu mandei pra Maria essa carta** e pedi pra ela ver o que ela podia fazer.

20. Quando eu comecei a trabalhar na FORD, eu conheci um cara muito figura. **Ele nem trabalha mais lá esse cara,** mas eu lembro que ele era muito figura.